

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

ELIDA NADIR DOS SANTOS COELHO

**JUVENTUDE RURAL E A PERMANÊNCIA NO CAMPO: Um olhar sobre as
perspectivas dos jovens rurais filhos de agricultores familiares do Distrito de Morrinhos
no município de São Jerônimo.**

Arroio dos Ratos (RS)

2013

ELIDA NADIR DOS SANTOS COELHO

JUVENTUDE RURAL E A PERMANÊNCIA NO CAMPO: Um olhar sobre as perspectivas dos jovens rurais filhos de agricultores familiares do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin

Coorientador: Tutor Me. João Daniel Dorneles Ramos

ELIDA NADIR DOS SANTOS COELHO

JUVENTUDE RURAL E A PERMANÊNCIA NO CAMPO: Um olhar sobre as perspectivas dos jovens rurais filhos de agricultores familiares do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof(a). Dr(a). Daniel Gustavo Mocelin
Orientador
UFRGS

Prof(a). Dr(a). Fábio de Lima Beck
UFRGS

Prof(a). Dr(a). Guilherme Francisco W. Radomsky
UFRGS

A revalorização dos espaços rurais é um dos fenômenos mais interessantes deste século XXI. Os jovens são os protagonistas mais importantes desta redescoberta, cuja natureza ampla, diversidade e plural deve estar no centro de políticas públicas. (ABRAMOVAY, 2005, p. 3).

AGRADECIMENTOS

Realizar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) só foi possível graças a Deus, ao Senhor Jesus que me conduziram nesta caminhada, a muitas pessoas e na contribuição de cada uma delas, seja através da amizade, do companheirismo, do apoio ou da ajuda na execução dos trabalhos durante toda a graduação e, neste período de conclusão de curso. Fico feliz por poder dizer obrigado a Deus e a todas estas pessoas que fazem parte desta etapa da minha vida, pois agradecer é um ato ou uma forma de expressar o quanto a colaboração de todos foi importante. Enumerar as pessoas que me ajudaram durante esta caminhada é uma tarefa difícil, posso cometer injustiças esquecendo alguém, então optei por dizer obrigado primeiramente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade que me proporcionou em cursar uma graduação que muito me aprazera.

Agradeço a todos os Professores e a todos os Tutores pela dedicação, o esforço e o incentivo, ingredientes necessários para que eu pudesse vencer as dificuldades no decorrer do curso.

Agradeço a minha família, pois, durante todo o curso de graduação me apoiaram me dando força e incentivos nas horas de angústia.

Agradeço em especial, aos meus pais Olir Ávila dos Santos e Geraldina Guerreiro dos Santos que mesmo aos oitenta anos de idade e necessitando da minha presença souberam me compreender nos momentos de ausência do convívio familiar.

Em especial também é o agradecimento que faço ao meu filho Eduardo dos Santos Coelho, pela paciência de encontrar o sofá da sala cheio de livros, cadernos e outros materiais necessários para o estudo.

Faz-se necessário dizer muito obrigada a Coordenadora do Pólo UAB de Arroio dos Ratos Ana Ramos pela presteza na resolução dos problemas que eventualmente surgiram.

Da mesma forma é preciso agradecer a Tutora presencial Fátima Evelise Tassinare pelo apoio e o incentivo durante o curso.

Um agradecimento especial ao Orientador deste TCC o Professor Dr. Daniel Gustavo Mocelin por ter me aceito como orientanda, pela forma como conduziu o processo de

construção deste trabalho e sobremaneira pela atenção a mim dispensada durante todo referido processo de construção.

Ao Tutor Mestre João Daniel Dorneles Ramos o meu muito obrigada, pela paciência comigo quando eu colocava uma, duas, três ou mais dúvidas no fórum, pelo seu esforço em elucidar estas dúvidas transformando-as em diálogos explicativos que transmitiam confiança para dar continuidade ao trabalho de pesquisa. Pelo seu compromisso, dedicação e reciprocidade, muito obrigada!

Por fim, agradeço aos jovens rurais do Distrito de Morrinhos, município de São Jerônimo, estado do Rio Grande do Sul pela valiosa colaboração que deram a este TCC com suas participações como entrevistados, sou eternamente grata a estes jovens pelo acolhimento, o carinho e pelo interesse em contribuir com a investigação, salientando que sem as suas participações este TCC não se realizaria.

RESUMO

Este estudo discute os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo compreender os motivos que levam os jovens rurais do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo a permanecer ou não no meio rural. Para tanto, a investigação contou com a participação de oito jovens que, através de entrevistas semi-estruturadas falaram a respeito das suas perspectivas futuras, das relações familiares, da formação educacional que almejam, das suas trajetórias e, sobretudo dos seus projetos de vida. Assim, para a interpretação desta realidade o ponto de partida foi a imersão na produção acadêmica que trata das juventudes e em especial da juventude rural. A partir da teoria foi possível analisar as características dos jovens participantes desta pesquisa e também compreender os motivos pelos quais há muitas décadas os jovens brasileiros migram do meio rural para o meio urbano em busca de um modo de vida diferente da vida dos seus pais. Percebi através da pesquisa que o jovem rural acompanha o contexto de mudanças da sociedade e que se torna cada vez mais atuante nesse processo ganhando visibilidade no contexto social, político, cultural e econômico.

Palavras-chave: juventudes, juventude rural, jovens do Distrito de Morrinhos.

ABSTRACT

This thesis discusses the results of a survey that aimed to understand the reasons that lead the young rural district of Morrinhos in the municipality of St. Jerome to remain or not in rural areas. To this end, the research included the participation of eight young people who, through semi-structured interviews talked about their future prospects, family relations, education that aims, their trajectories and above all of their life projects. So, for the interpretation of this reality the starting point was immersion in academic work dealing with the youth and in particular of rural youth. From the theory it was possible to identify the characteristics of young participants of this research and also understand the reasons why many decades the young Brazilians flock to the rural areas urban areas in search of a way of life different from the lives of his parents. Realized through research that the young man with the rural context of changes in society and is becoming increasingly active in the process gaining visibility in the context of social, political, cultural and economic.

Keywords: youth, rural youth, young people from the District of Morrinhos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do município de São Jerônimo.....	40
Figura 2 - Mapa do município de São Jerônimo.....	40
Figura 3 - Mapa satélite do Distrito de Morrinhos.....	43
Figura 4 - Vista de Morrinhos: Fotografia de Marcelo de A. Silveira.....	44
Figura 5 - Entrevistado Maicon exercendo atividades agrícolas.....	49
Figura 6 - Entrevista com Cleiton, Géssica e Vanessa.....	51
Figura 7 - Entrevistado David comerciante em Morrinhos.....	53
Figura 8 - Entrevista com Cleiton, Géssica e Laís.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONJUVE - Conselho Nacional da Juventude

CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

ECA - O Estatuto da Criança e do Adolescente

EMATER - Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

ENERA - Encontro dos Educadores e educadoras da reforma Agrária

GPT - Grupo Permanente de Trabalho

IBEGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.

LMCD - Licenciatura em Matemática Curso à Distância

LPD - Licenciatura em Pedagogia à Distância

MST - Movimento dos Trabalhadores sem Terra

OIJ - Organização Ibero-Americana da Juventude

ONU - Organização das Nações Unidas

PNAE - Programa Nacional de Merenda Escolar.

PLAGEDER - Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UP - Unidade Produtiva.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Distribuição das UPs em quantidade e área.....	42
Tabela 2 - Principais atividades econômicas do município de São Jerônimo.....	42
Tabela 3 - Instituições de Ensino em São Jerônimo.....	45
Quadro 1- Caracterização da amostra de jovens rurais.....	47
Quadro 2 - Motivos para a permanência ou não dos entrevistados no meio rural.....	57
Quadro 3 - Ocupações atuais e perspectivas de ocupações futuras dos entrevistados.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 - UMA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE.....	19
1.1 - Juventude rural e o processo migratório	25
1.2 - Juventude rural, permanência no campo e sucessão familiar.....	30
1.3 - A trajetória da educação do campo no Brasil a partir do movimento "Por uma Educação do Campo".....	35
2 - O MUNICÍPIO DE SÃO JERÔNIMO: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.....	40
2.1 - O Distrito de morrinhos	43
2.2 - Pólo educacional no município de São Jerônimo.....	45
3 - PERMANÊNCIA NO CAMPO E JUVENTUDE RURAL EM MORRINHOS.....	47
3.1 - Os participantes da pesquisa.....	47
3.2 - Os jovens rurais e suas perspectivas.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE.....	67

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as motivações que levam os jovens do Distrito de Morrinhos, no município de São Jerônimo, a permanecer ou não no meio rural. Para tanto, busco compreender alguns anseios destes jovens em estudar, ao mesmo tempo manter os vínculos familiares e permanecer trabalhando na terra. É neste contexto que procurei entender a categoria juventude rural na referida localidade, identificando a presença de três perfis entre os jovens pesquisados. O primeiro perfil se constitui de jovens que não pretendem deixar as suas origens, mas, que vêm no estudo e na família as suas perspectivas futuras de crescimento profissional e pessoal. No segundo perfil encontram-se os jovens em que seus projetos de vida estão ligados a profissão agrícola herdada dos pais, sendo que neste grupo o maior número de jovens é do sexo masculino. Estes jovens não pensam em deixar o rural focando seus interesses na reprodução familiar e nas atividades agrícolas praticadas no interior da unidade produtiva. O terceiro perfil encontrado é o de uma jovem que tem como projeto de vida a saída do campo, alegando que o campo não oferece condições de permanência e nem de futuro profissional estável.

Em face das características encontradas, a proposta deste trabalho é ampliar a compreensão sobre a realidade socioeconômica destes jovens rurais a partir dos interesses que cada um dos perfis estudados apresenta para a tomada de decisão quanto a permanecer no campo ou migrar para a cidade. Neste contexto, o problema da pesquisa está voltado para a análise dos diferentes motivos que determinam a permanência dos jovens do Distrito de Morrinhos no meio rural. A partir da problemática, suscitaram-se os seguintes questionamentos. Quais as razões que mobilizam os jovens rurais especificamente as mulheres a investir no estudo? Que condições estimulam esses jovens rurais, homens e mulheres a permanecer no campo e exercer atividades agrícolas ou não e delas proverem o seu sustento? Que razões levam esses jovens rurais projetar a sucessão familiar? Qual o significado de cidade para o jovem rural? Ilusão, de uma mudança radical e rápida, onde não precisaria desenvolver o árduo trabalho do campo, ter fácil acesso ao lazer, ao estudo e ao trabalho remunerado?

Com o problema de pesquisa levantado espera-se que este estudo possa contribuir para a reflexão dos dilemas da juventude rural, sobretudo no que diz respeito a Políticas Públicas e à sociedade para estabelecer um diálogo conjunto que permita entender com riqueza de detalhes os múltiplos aspectos particulares e a realidade da juventude rural em geral e,

especificamente, os jovens do Distrito de Morrinhos, no município de São Jerônimo. Desta forma, o objetivo geral proposto para este trabalho foi compreender os motivos que levam os jovens rurais do Distrito de Morrinho no município de São Jerônimo a permanecerem no campo, identificando as razões que motivaram alguns destes jovens a investirem no estudo, enquanto outros jovens participantes desta pesquisa tem seus projetos voltados para a continuidade do trabalho desenvolvido pelas suas famílias sendo elas agrícolas ou não e, ainda identificar os motivos que levam uma entrevistada a projetar seu futuro a partir da migração para o meio urbano.

Assim, apresento como objetivos específicos para este trabalhos os seguintes itens:

- a) Identificar as razões dos jovens rurais em estudo para permanecer ou não no campo;
- b) Conhecer os seus projetos e suas perspectivas para o futuro;
- c) Analisar, a partir da percepção dos entrevistados, a relação entre o trabalho, a formação educacional e a permanência no campo.

Para tanto, justifico este estudo sob três aspectos, a saber. O primeiro aspecto se justifica pela constatação de que a juventude especialmente a rural vem sendo tema de debates em que autores como Abramovay, Abramo, Sposito, Wanderley, Camarano, Brumer e, em estudos mais recentes Castro, Groppo, Weisheimer e Spanevello vêm propondo análises acerca da categoria das juventudes e, através dos seus estudos pretendem desmistificar o conceito de que ser jovem significa ser “problema”. Apoiando-me nas pesquisas destes autores que deliberam sobre os jovens brasileiros, compartilho com eles a visão que trazem estes estudos, a saber, de que os jovens não sejam vistos apenas como uma categoria problema, mas que sejam entendidos como cidadãos e sujeitos de direito, parte integrante da sociedade brasileira. O segundo aspecto que justifica o tema escolhido para análise é de relevância pessoal, partindo das minhas vivências no Distrito de Morrinhos em virtude do trabalho como professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Eva Alves Pereira localizada neste Distrito durante o ano letivo de 2012.

Ao exercer a profissão de professora dos anos iniciais na referida escola convivi com os jovens locais e participei dos seus dilemas e anseios entre o "ficar ou sair". No primeiro momento, a convivência com estes jovens permitiu-me perceber que muitas são as perspectivas e as incertezas relacionadas ao futuro profissional daqueles jovens que buscam a sua formação profissional através de curso superior, mas que pretendem ficar no meio rural e ali construir as suas vidas, mantendo os laços familiares e as atividades agrícolas praticadas pelas suas famílias, além de almejem o crescimento econômico da localidade,

através de projetos extensivos a todos os moradores, fato colocado pela entrevistada Vanessa, professora de matemática na Escola Municipal de Ensino Fundamental Eva Alves Pereira localizada no Distrito de Morrinhos.

Para justificar o terceiro aspecto que me conduziu a estudar o perfil dos jovens rurais do Distrito de Morrinhos exponho a minha trajetória de vida.

Na condição de filha de agricultores domiciliados no interior do município de Piratini no estado do Rio Grande do Sul, enfrentei dificuldades semelhantes às vividas pelos jovens do Distrito de Morrinhos, razões pelas quais se suscitou o desejo de aprofundar o conhecimento acerca das perspectivas e dos dilemas desta parcela da população rural. Em minha juventude acalentei o anseio em dar continuidade aos estudos, entretanto, esta ambição veio a se concretizar alguns anos mais tarde quando houve a oportunidade da migração do meio rural no município de Piratini para o meio do urbano na cidade de Pelotas aos vinte anos de idade, e com apenas o 4º ano do ensino fundamental. Com a migração veio à retomada dos estudos, muitas foram às dificuldades. Todavia, o desejo de continuar estudando era maior e, em 1986 adquiri a formação em Técnico em Contabilidade. A vida seguiu o seu curso, trabalho, casamento, filho e divórcio, mas, o sonho de cursar uma faculdade estava ali adormecido, não morto, esperando à hora de aflorar. Em 2008, e morando no município de Arroio dos Ratos, o sonho adormecido despertou com a instalação no município dos cursos de Licenciatura em Pedagogia à Distância (LPD), Licenciatura em Matemática Curso à Distância (LMCD) e Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) ministrados pelas Universidades Federais UFPEL e UFRGS respectivamente. A trajetória acadêmica teve início com o ingresso na faculdade de LPD. Entretanto, o PLAGEDER chamava a atenção pelo contexto que abrange e por me levar de volta às minhas origens, aos dilemas da juventude e a certeza de que a minha experiência de vida pode contribuir com muitos dos jovens pesquisados em uma possível tomada de decisão. A experiência da minha vida foi de grande valia para empreender esta pesquisa, pois ao entrar em campo vários fatos vividos contribuíram para o melhor entendimento do modo de ser, de pensar e também as perspectivas dos jovens em estudo. É preciso reconhecer, entretanto, que não foi uma tarefa fácil, ao mesmo tempo em que revivi a minha própria história, precisava manter a neutralidade e o equilíbrio, elementos fundamentais para o desenvolvimento do evento da pesquisa.

A pesquisa está alicerçada na abordagem qualitativa. Para compreender esta abordagem recorri a Minayo (2001, *apud* Silveira e Córdova 2009, p. 32), que diz que a

pesquisa qualitativa trabalha com aspectos e com significações reais buscando compreender os valores, crenças, aspirações e motivações nas relações sociais. A pesquisa qualitativa normalmente parte do interesse e da curiosidade do pesquisador pelo tema em questão. Entretanto, no momento em que o tema de pesquisa é delimitado o pesquisador deve tomar cuidados para que não o torne ilusório dando a falsa ideia de total compreensão, isso se deve ao fato do pesquisador envolver-se com o objeto da pesquisa perdendo a neutralidade partindo do pressuposto de que o pesquisador possui conhecimentos anteriores do problema investigado (SILVEIRA E CÓRDOVA 2009, p. 32).

Com base nos conceitos da pesquisa qualitativa busquei neste estudo observar, compreender, interpretar e descrever os motivos de os jovens rurais entrevistados permanecerem ou não no campo. Laville e Dione (1999) enfatizam a importância da escolha do método a ser utilizado em uma pesquisa. Para esses autores, é fundamental que o método de pesquisa esteja a serviço do objeto da pesquisa. Salientam ainda que, a pesquisa qualitativa tem como objeto principal interpretar o fenômeno estudado e compreender o seu significado, além de se caracterizar como uma pesquisa intencional.

Desta forma, a escolha dos entrevistados foi intencional, uma vez que os jovens selecionados estão diretamente envolvidos com o tema central deste estudo. Isso permitiu analisar a opinião dos entrevistados sob diversos vetores estabelecendo um diálogo onde procurei extrair das suas falas respostas às questões propostas para esta pesquisa.

O trabalho foi dividido em etapas, tendo como ponto de partida a leitura de diversos autores que tratam da temática da juventude e a situam como grupo social. Do mesmo modo, busquei a partir da leitura de estes teóricos compreender o jovem rural do Distrito de Morrinhos do município de São Jerônimo e a permanência ou não no campo. Os jovens pesquisados estão na faixa etária entre dezoito e vinte e seis anos, encontrando-se, portanto, na delimitação de idade aceita pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), cujos limites etários para um indivíduo ser considerado jovem, vão dos quinze aos vinte e nove anos de idade¹.

¹ Nesta pesquisa, a concepção de jovens utilizada é a definida pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE, 2007), cuja divisão etária estabelece os seguintes critérios: Adolescentes-jovens de quinze a dezessete anos, de dezoito a vinte e quatro anos e jovens-adultos de vinte e cinco a vinte e nove anos.

A etapa seguinte se pautou pela realização do trabalho de campo, com a aplicação de entrevistas semi-estruturadas a partir da segunda quinzena do mês de março e durante todo o mês de abril do ano de 2013. Para tanto, foram utilizadas as técnicas de pesquisa de grupo focal e de análise de conteúdo. Segundo Pichon - Riviéri (1998a p. 159, *apud* Servo, M. L. e Araujo, P. O. 2012, p. 08), a técnica de pesquisa denominada grupo focal é uma técnica que favorece o aprofundamento nas pesquisas com os fenômenos sociais. De acordo com esse autor, o grupo focal pode ser entendido como: "Um conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe explícita ou implicitamente a uma tarefa, que constitui seu objetivo ou finalidade".

Já a análise de conteúdo é uma técnica utilizada para a interpretação do conteúdo manifesto, ou seja, é empregada para a análise de material qualitativo obtido através de entrevistas e pesquisas. Na definição de Bardin (1979, *apud*, Grehardt *et al.*, 2009, p.84), a análise de conteúdo é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens". Desta forma, a utilização desta técnica de pesquisa contempla os elementos em estudo e o tema pesquisado, considerando que esta pesquisa se caracterizou a partir do registro dos dados obtidos através das entrevistas e com a transcrição de todo o material coletado.

Para que as informações obtidas nas entrevistas ganhassem sentido quando analisadas foi necessário a releitura do material teórico. E, assim, através dos conceitos teóricos foi possível a compreensão do campo empírico da pesquisa, das falas e das opiniões dos jovens pesquisados. No primeiro instante da abordagem sentiu-se certa resistência por parte de alguns jovens, especificamente dois rapazes, que, embora conhecendo a minha identidade, questionaram quanto aos motivos da pesquisa e se as suas falas seriam mostradas. A partir das explicações necessárias houve a concordância dos dois jovens, a conversa começou tímida, entretanto, foi fluindo até adquirir contexto mais espontâneo e, eventualmente tomava outra direção adentrando em assuntos referentes à parentela, amigos ou lazer. A sequência das entrevistas aconteceu na escola Eva Alves Pereira com a professora Vanessa, as monitoras Laís e Géssica e com motorista do transporte escolar Cleiton. Neste momento da pesquisa não houve problemas, pois os participantes se mostraram solícitos, prontos a participar da entrevista, isto se deve ao fato de que estes entrevistados em razão de trabalharem na mencionada instituição escolar e porque foram meus colegas no ano de 2012, durante o tempo em que atuei nesta escola como professora.

A estrutura deste TCC está dividida em capítulos sendo que no primeiro são apresentados alguns teóricos que tratam da juventude em geral e também da rural e a permanência ou não no campo. É importante ressaltar que não abordei a literatura completa disponível acerca da juventude rural, mas, foi esta a literatura que explicitou o problema da pesquisa e norteou a análise investigativa proposta para este TCC.

O segundo capítulo apresenta o município de São Jerônimo, os seus aspectos demográficos, econômicos, sociais e educativos, a fim de auxiliar na compreensão do local

No terceiro capítulo, são retomadas as discussões até então levantadas. Estas questões são enriquecidas com a transcrição e análise das entrevistas com os jovens rurais do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo.

No final deste trabalho de conclusão, são apresentadas as considerações finais onde faço uma análise de todo o conteúdo pesquisado.

1 - UMA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE

Neste capítulo busquei compreender qual a relação existente entre os estudos e as pesquisas que tratam da juventude rural com os jovens entrevistados do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo foco deste trabalho, considerando que a categoria "juventudes" adquiriu expressividade nas investigações na medida em que o campo acadêmico passou a interessar-se pela diversidade de possibilidades de reflexão sobre o conceito de juventude.

Neste sentido, para entender as significações atribuídas à juventude em geral e mais especificamente a rural, busquei apoio na literatura sobre a categoria "juventudes", partindo de pesquisas que ancoram a definição de juventude e utilizando como critério a idade.

Normalmente estas pesquisas "apóiam-se nos indicadores demográficos fornecidos pelos organismos internacionais que estabelecem padrões e critérios normativos para definir quem pode ou não ser considerado jovem" (WEISHEIMER, 2005, p. 20). De acordo com esse autor, a Organização Mundial da Saúde (OMS), define a juventude como decorrente de "um processo fundamentalmente biológico". Segundo a OMS para a classificação da juventude são usadas idades que definem pré-adolescentes como aqueles indivíduos que se encontram na faixa etária dos dez aos quatorze anos de idade. Enquanto para a adolescência a idade atribuída é de quinze a dezenove anos de idade. Ainda, segundo, Weisheimer (2005, p. 20 - 21), outros organismos internacionais usam critérios etários para definir a juventude.

Dentre eles Weisheimer cita que a faixa etária entre quinze e vinte e quatro anos usada pela Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ, 1994), pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No Brasil a classificação do que é ser jovem, na abordagem demográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), obedecem três recortes etários. Na primeira classificação aparecem os jovens-adolescentes com idades de quinze a dezessete, na segunda, denominada "jovens-jovens" a idade considerada é entre dezoito e vinte anos e, por último aparecem os jovens-adultos com idades entre vinte e um e vinte e quatro anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece a faixa etária de doze a dezoito anos para que um indivíduo seja considerado adolescente, esta definição está explícita na Lei nº 8.069 criada em 13 de julho de 1990. Entretanto, o Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE, 2007), considera por juventude a extensão de todos os cidadãos cujas idades

estão entre quinze e vinte e nove anos, adotando para essa classificação de juventude a seguinte subdivisão. Adolescentes-jovens de quinze a dezessete anos, de dezoito a vinte e quatro anos e jovens-adultos de vinte e cinco a vinte e nove anos. Partindo deste pressuposto, é importante salientar que não há um consenso quanto à delimitação etária de quem pode ser considerado jovem. De fato, ao se analisar a demarcação das fases da vida utilizada pelas organizações internacionais e também pelas nacionais constata-se que há uma imprecisão para construir uma definição etária exata no que diz respeito à categoria juventude² (NOVAES, 2007, p. 110).

Já é lugar-comum questionar a universalidade da categoria “juventude”, tomando-a em sua historicidade. A seqüência infância-juventude-maturidade ganhou conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, no bojo de disputas sociais, econômicas e políticas. São aspectos culturais arbitrários e regras socialmente construídas que determinam em que momento e por meio de quais rituais de passagem se muda de uma fase da vida para outra (NOVAES, 2007, p. 110).

Segundo Abramovay *et al.*, (1998, p. 37), "não existe uma definição universal aceita para os limites em que se encontra a juventude". O mesmo autor argumenta que esta definição se apresenta deficiente, com diversas variações entre países de acordo com a cultura e o modo de vida da população. Refletindo com esses autores, entendo que a juventude vai além de uma etapa biológica ou etária, se constituindo por elementos culturais, sociais e históricos. Neste sentido busquei apoio em Bourdieu (1983, p. 112), para entender o que é ser ou não jovem, percebi que esse autor quando se refere aos jovens propõe uma reflexão ao afirmar "somos sempre o jovem ou o velho de alguém". Para esse autor, ser jovem ou ser velho são construções sociais, sejam elas "em classes de idade ou em gerações", se constituindo em objeto manipulável na relação entre idade social e idade biológica.

[...] a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1983, p. 112).

² NOVAES, R. C. R. Afirma que o parâmetro mais usado pelos organismos internacionais para a definição etária da juventude é de 15 a 24 anos. Mas há países que antecipam ou prolongam essa faixa etária.

Como afirma Bourdieu (1983, p. 112 -113), as relações que definiriam ser jovem ou ser velho são relações de posicionamentos sociais, ou seja, um indivíduo pode ser jovem ao ser comparado com outro mais velho. Na crítica de Bourdieu ao comparativo etário fica evidente que seria sempre na contraposição que uma idade se definiria em relação à outra. Tal definição é manipulada e manipulável de acordo com os costumes sociais e os espaços que ocupam.

Numa tentativa de compreensão mais ampla do significado do que é ser jovem recorri a Castro (2005, p. 32), que no seu entendimento no que diz respeito ao ser jovem observa a necessidade de direcionar o olhar para quem se está falando e a sua realidade.

Pensar “jovem” em determinada realidade implicou observar quem chamava quem de “jovem”, quem se autodenominava como tal, em que situações e espaços, e que códigos estavam sendo acionados através do uso deste termo (CASTRO, 2005, p. 32).

Para Castro (2005, p. 32) caracterizar quem pode ser considerado jovem é um desafio e, é neste sentido que a autora questiona se "a juventude é apenas uma palavra", ou se "a juventude é mais que uma palavra". As reflexões da autora me conduziram a Groppo (2000, p. 98), onde o autor define a juventude como sendo uma categoria sociológica, que representa o retrato da sociedade, constituindo-se em uma etapa de vida em que predominam o desejo de mudanças, a inquietude e a criatividade. Lima *et al.* (2006 p. 98), ao se referir aos estudos de Groppo (2000 p.98), nos diz que é preciso salientar as "diferenças de classe, gênero, religião, etnia e a procedência sociogeográfica".

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. [...] Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais (GROPPO 2000, apud Lima, C. M. H. *et al.*, 2006 p.98).

Assim, de acordo com esses autores se verifica que estudos mais recentes como o de Groppo (2000), anteriormente citado, Weisheimer (2004) e Castro (2005), debatem a categoria "juventude" considerando a diversidade de abordagens e significações atribuídas a estes componentes da sociedade na composição do perfil dos jovens.

As concepções citadas pelos autores conduzem a uma reflexão acerca da juventude como categoria social e direcionam o entendimento para além de um grupo social, mas, para

sujeitos em transição da "adolescência para o mundo adulto" (WEISHEIMER, 2004). Para Weisheimer (2009), o fim da juventude está diretamente relacionada à autonomia, ao conjunto de responsabilidades civis e sociais assumidas pelos jovens e o desligamento do jugo paternal. Durston (1997 *apud* Weisheimer 2009) assegura que, o "ciclo de vida" definido como "juventude" é compreendido pelo "conjunto de fenômenos objetivos e subjetivos, sociais e individuais". Entretanto, o mesmo autor salienta que estes comportamentos variam de acordo com a sociedade e com os costumes desta sociedade.

Weisheimer (2009 p. 57) destaca a necessidade de compreender a juventude, ressaltando que o tema nasce com o despertar da sociologia.

[...] a juventude surge como tema de pesquisa social no alvorecer da Sociologia. Antes mesmo desta se constituir como ciência autônoma e institucionalizada no sistema de ensino universitário, a juventude é objeto de investigação nos estudos de levantamento social que marcam a pré-história das Ciências Sociais no século XVIII. Estes estudos precursores da Sociologia da Juventude são, em grande medida, impulsionados pelas transformações sociais provocadas pela emergência do capitalismo como modo de produção dominante. Esta traz como efeitos o abandono, o aumento da criminalidade juvenil e toda uma série de violências contra jovens como, por exemplo, a doméstica e o abuso sexual praticado por pessoas em situações de vantagem em relação a suas vítimas. Estes temas passaram a ser objeto de investigação racionalista e objetivista típicos do cientificismo da época (WEISHEIMER 2009, p 57).

De acordo com Castro (2005), há a necessidade de compreender a categoria "jovem, juventude, jovem rural" não como sinônimo de problemas, mas como agente de transformações.

[...] são categorias aglutinadoras de atuação política (jovens do MST, Coletivo de Juventude do PT, Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude Rural, Grupo de Jovens de igrejas evangélicas, Juventude do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) (CASTRO, 2005, p. 30).

Ao estudar o comportamento dos jovens de um assentamento rural no Rio de Janeiro Castro (2005, p. 30) debate os motivos que os levam a "ficar ou sair" do campo. As descobertas da autora após a realização do estudo etnográfico permitiram-lhe mergulhar no universo das expectativas e sonhos dos atores sociais pesquisados homens e mulheres, jovens ou não, e o dilema "ficar ou sair". Para a autora, no caso dos jovens "sair" é conquistar a independência paterna econômica, social e afetiva, caminhar com as próprias pernas, uma ruptura mesmo em etapas. Segundo Castro (2005, p. 372), a primeira etapa de independência começa com o ingresso da criança na escola, tendo sequência na transição de cada ciclo de vida até o sujeito adentrar a idade oficialmente entendida e aceita como jovem. Entretanto, a

autora ressalta que essa "autonomia" é simbólica e pode ser considerada imaginária ou fantasiosa visto que a ruptura realmente ocorre com a saída não apenas do assentamento, mas, da casa dos pais e adquirindo condições de prover o próprio sustento (CASTRO, 2005, p. 372).

Retornando a Weisheimer (2005 p. 26), se encontra outro aspecto discutido pelo autor, a saber, que é a "condição juvenil" emergente, segundo ele, a partir do cultural, social e histórico. No mesmo estudo o autor aborda as concepções de gênero, etnia e classe salientando que as divisões de gênero no meio rural se iniciam no próprio núcleo familiar, quando são traçados projetos de vida e sucessão. Ademais, o autor enfatiza que as condições econômicas podem se constituir em fator contributivo para a sociabilidade da juventude rural.

[...] as interpretações sobre a condição juvenil demonstram que esta é uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada, o que implica considerá-la uma realidade múltipla, visto que os jovens não formam um todo homogêneo. Quando se consideram as diferenças de classe social, etnia e gênero, por exemplo, percebem-se distinções relativas às posições ocupadas nos espaços sociais – que por sua vez são diferentes entre si – e aos processos de socialização. nesse sentido, é mais correto privilegiar as noções de juventudes e jovens rurais no plural, uma vez que eles vivem realidades sociais bastante diversas, construindo experiências e identidades coletivas distintas (WEISHEIMER, 2005, p. 26).

Em sua contribuição Weisheimer (2005 p. 27) discorre o quão "complexo, contraditório e mesmo confuso" é analisar as questões referentes a juventude, especialmente a rural. Para ele,

É necessário reforçar que todas essas questões tornam o fenômeno social da juventude bastante complexo, contraditório e mesmo confuso, o que se reflete no momento em que buscamos tomá-lo como objeto de estudo sistemático. É por isso que ocorre a falta de consenso quanto à noção de "juventude" utilizada nas pesquisas analisadas, expressa na grande variedade de recortes analíticos e definições conceituais, mesmo quando todas tratam dos jovens que vivem no meio rural (WEISHEIMER 2005, p. 27).

Desta forma, entende-se a juventude como uma construção social, de acordo com a época histórica, o lugar e a fase da vida atribuindo as significações e os sentidos que à identificam.

Em consonância ao que aponta Weisheimer (2005), Camarano *et al.*, (2004, p. 4), diz que a sociedade atribui a juventude "o caráter de mudança social". Para esses autores, o jovem é visto pela sociedade como o novo, como o suscetível à provocar mudanças. Todavia, esses autores afirmam a necessidade destes jovens serem percebidos como "sujeitos de direitos" e não somente como a transitoriedade da adolescência para a fase adulta. Os autores destacam que: "A importância dessa definição reside no fato de que, nesse período, escolhas e decisões fundamentais são tomadas em direção a um futuro com menores sobressaltos".

Por sua vez, Sposito (2009, p.17), diz que a partir dos anos 1970 o olhar sobre a juventude toma uma nova direção apontando segundo ela para os “problemas relacionados ao emprego e a entrada na vida ativa”. Assim, diante da afirmativa da autora as atribuições atreladas à juventude a caracterizam como agente em transformação e transformador do meio. No Brasil, a autora destaca que a investigação acerca da juventude toma corpo no final dos anos 1980, reiterando o alcance de maior visibilidade nos últimos quinze anos. Desta forma, sendo entendida como questão social e entrando na pauta das políticas públicas (SPOSITO, 2009 p. 17).

Lima *et al.*, entretanto, refere-se a juventude como categoria histórica. E enfatiza as mudanças sofridas através dos tempos, não podendo ser definida pela temporalidade ou pelo contexto social uma vez que acompanha a evolução da sociedade.

A juventude é uma categoria histórica cujo conceito vai sendo transformado através dos tempos. A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que vemos ser alterados os ritos de passagem e as características que definem os jovens, desde os gregos até os dias de hoje. Por isso, a juventude não pode ser pensada de forma a cristalizar idades cronológicas, uma vez que temos, atualmente, observado o alargamento de seu tempo. O que é ser jovem parece modificar-se de acordo com os diferentes espaços e contextos sociais, os jovens urbanos e rurais são prova disto. Sendo assim, não é possível uma definição, um conceito único de verdade em torno da categoria juventude (LIMA *et al.*, 2006, p. 98).

Na construção deste arcabouço teórico encontrei em Abramo (1997 p. 29) alguns argumentos que reforçam a teoria de que juventude é uma fase da vida. Para essa autora, esta concepção toma como base a Sociologia funcionalista em que os jovens são normalmente vistos como problemas e não como sujeitos reais autores das suas ações.

A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social — por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do próprio sistema social —, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõem ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameaça romper com a transmissão da herança cultural. A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade (ABRAMO, 1997, p. 29).

De acordo com Abramo (1997, p. 30), nesse processo de estágio a juventude é vista como algo em passagem, transitório que deve ser considerada como uma fase do desenvolvimento humano com direitos e deveres.

1.1 - Juventude rural e o processo migratório

O Brasil vivenciou no período compreendido entre 1960 e 1980 o maior êxodo rural da sua história, aproximadamente 27 milhões de pessoas deixaram o campo migrando para as cidades segundo Camarano e Abramovay (1999, p. 4). De acordo com esses autores, no "primeiro período do êxodo rural" a maior incidência migratória concentrou-se nos homens que saíram em busca de trabalho. Segundo esses autores há uma especificação relativa a idade da população que migra: na década de 1960 o maior fluxo migratório ocorria entre as faixas etárias de 40 a 49 anos, a cada década essa faixa etária foi diminuindo e nos anos 1990 chegou a ser entre 15 e 19 anos, com expressivo fluxo migratório das mulheres rurais.

“As mulheres migram mais que os homens”, esta é uma das mais famosas “leis das migrações rurais” expostas em 1885 por Ravenstein (1885/1980, p. 65), clássico da literatura demográfica. No entanto, o exame da situação brasileira mostra que o predomínio feminino nos processos migratórios rural-urbanos só não aconteceu no Brasil nos anos 60, para quando se estimou uma sobremigração masculina de aproximadamente 1.200 homens. Nas outras décadas, a migração feminina superou a masculina mas em magnitude diferenciada. A maior sobremigração feminina nos fluxos migratórios foi verificada nas décadas de 50 e 80. Nos anos 50, aproximadamente 1,2 milhão a mais de mulheres, ou seja, uma sobremigração de 19%, deixaram as áreas rurais. Nos anos 80, este diferencial absoluto foi de 1,5 milhões de pessoas e o relativo de 22% (CAMARANO E ABRAMOVAY, 1999, p. 4).

Muitos fatores explicam o êxodo rural no Brasil, dentre estes fatores o mais contundente foi a modernização do campo brasileiro, modelo econômico que teve como base a concentração de renda. Esse processo de modernização ao mesmo tempo em que elevava a produtividade agrícola, inviabilizava a os pequenos e médios agricultores a continuidade da produção agrícola, pois, a partir do processo denominado revolução verde que se pautou pela prática do uso de insumos modernos, tecnificação das lavouras, mecanização e a utilização de sementes geneticamente modificadas impossibilitaram muitos pequenos e médios agricultores de seguir com a agricultura visto que não possuíam recursos financeiros para acompanhar a modernização implantada pela revolução verde (WEDIG, 2009, p 48).

[...] em meados da década de 1960, começou a ser propagado no Brasil esse modo de agricultura, de viés essencialmente econômico e produtivista, que preconizava o uso intensivo de agroquímicos, sementes híbridas selecionadas, adubos, fungicidas, pesticidas, entre outros, com vistas a uma produção em grande escala, viabilizada pelo uso de maquinarias. Esse tipo de produção agrícola, no entanto, ocasionou graves impactos ambientais: poluição de rios, envenenamento da terra, destruição da biodiversidade, entre outros; graves problemas sociais: concentração de renda agrícola na mão de poucos e conseqüente empobrecimento e expulsão de muitos agricultores do campo; e perda dos saberes tradicionais (WEDIG, 2009, p. 49).

O quadro de desestabilização da agricultura familiar e empobrecimento da população rural resultaram na "expulsão massiva de camponeses", segundo Wedig, (2009). De acordo com a autora, o processo migratório que envolveu a população rural, atingiu principalmente os jovens, sobretudo as mulheres, pois, na concepção de gênero o rural é entendido como um espaço tipicamente masculino caracterizando a divisão sexual como cultural. Brumer, (2004, *apud* Wedig, 2009), menciona a "invisibilidade" feminina associado aos valores culturais, fatores que beneficiam os homens "na execução de tarefas técnicas, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos".

A esse processo de tecnificação do rural Mocelin (2009) discorre que a entrada da tecnologia no meio rural a partir de 1970 direcionou a produção agrícola para o mercado de consumo, fator que gerou descapitalização no campo e na agricultura familiar causando instabilidade e falta de recursos nas famílias para acompanhar a incorporação das tecnologias na agricultura. De acordo com Bertoncello, Rossi & Badalotti, (2007, *apud* Mocelin 2009), havia no campo "excesso populacional" e poucas alternativas para o jovem induzindo-o ao êxodo rural, afetando as relações sociais, familiares e a reprodução sucessória. Sem perspectivas, muitos jovens viram na migração a possibilidade de sobrevivência, e o urbano passou a ser um atrativo à ascensão imediata principalmente no trabalho remunerado que lhes permita as mudanças almejadas.

Essa situação afetou a reprodução das relações sociais camponesas, alterou a divisão de trabalho na unidade familiar e ocasionou a busca de mercado de trabalho urbano e o êxodo rural. Neste contexto, o jovem rural não via tantas perspectivas de continuidade na agricultura e o anseio de permanência e de continuidade mobilizava todos os membros familiares, fazendo com que muitos jovens deserdados se sentissem excluídos de sua condição rural (MOCELIN, 2009, p. 71).

Com a mesma linha de pensamento Rauber (2009), ressalta que o fator determinante na saída dos jovens do campo refere-se à falta de oportunidade em continuar estudando, considerando que as escolas rurais dispõem na sua maioria a oferta do ensino fundamental.

Em seus estudos sobre os fenômenos demográficos Abramovay (2003), diz que na metade do século XX ouve um grande aumento dos aglomerados urbanos. Entretanto, o autor afirma que ouve também um estancamento desta demanda, fator que se observa na localidade de Morrinhos no município de São Jerônimo, uma vez que muitos jovens estão saindo do campo para estudar e após alcançados os objetivos, estes jovens retornam para o meio rural e ali se estabelecem. Do mesmo modo, percebe-se que o jovem que sai do campo estuda e volta traz consigo muito mais que a formação, pois traz novas amizades - algo que confirma a

colocação de Abramovay (2003), quando enfatiza que as populações das cidades estão descobrindo o campo e a cultura interiorana.

Já Castro (2009) chama atenção para o desinteresse da juventude rural pelo campo, enfatizando que é uma questão intrínseca acentuada pela desvalorização do campo e pelo atrativo ilusório de modos de vida vistos como relativamente melhor no urbano. Segundo essa autora, o fato da globalização e da conexão que o jovem rural mantém com o urbano faz com que se criem expectativas relacionadas às oportunidades de trabalho, estudo, diversões e acessos a uma série de benefícios pouco disponíveis no rural. A autora afirma que esse comportamento é um reflexo do diálogo mantido com o mundo, servindo de afirmação para a sua identidade e o colocando no espaço social como ator principal e agente de transformação.

Esse jovem rural se apresenta longe do isolamento, dialoga com o mundo globalizado e reafirma sua identidade como trabalhador, camponês, agricultor familiar, acionando diversas estratégias de disputa por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. Assim, jovem da roça, juventude rural, jovem camponês são categorias aglutinadoras de atuação política. Essa reordenação da categoria vai de encontro à imagem de desinteresse dos jovens pelo meio rural. Apesar dessa "movimentação", este "novo ator" é pouco conhecido e ainda muito negligenciado pelas pesquisas sobre o tema juventude. Juventude rural também não se apresenta como foco prioritário para as políticas públicas de juventude (CASTRO, 2009, p. 183).

A conexão com o mundo observada por Castro (2009, p. 183), pode ser vista entre os jovens do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo foco deste estudo, pois, eles mantêm esse vínculo seja pelo estudo ou pelo avanço das tecnologias que chegaram às casas do meio rural. A ligação do rural com o urbano pelas tecnologias encontradas no Distrito de Morrinhos deve-se a enorme expansão das mídias nas últimas décadas em todo o mundo. Com a chegada da televisão, do telefone celular e mais recentemente a internet os jovens passaram a ter comunicação em tempo real com todo o mundo e isso faz com que almejem os benefícios que o meio urbano proporciona, um destes benefícios pode ser constatado com referência ao estudo.

Dos oito participantes desta pesquisa, uma jovem possui ensino superior completo, três jovens estão cursando o ensino superior, uma formou-se em curso técnico de nível médio e os outros três possuem o ensino médio (no capítulo reservado para a análise das entrevistas encontram-se maiores explicações acerca dos jovens aqui mencionados). Estes dados revelam que o campo hoje não é um lugar isolado e que seus moradores não mais se encontram em um mundo distante do que acontece no meio urbano, ao contrário os moradores do campo

acompanham a evolução e os processos de modernidade e mais do que acompanhar eles querem fazer parte deste processo. Reportando-me a os jovens pesquisados moradores no Distrito de Morrinhos percebe que uma das formas que diminui a distância entre o campo e o urbano reside no fato destes jovens não abandonarem os estudos, ao menos parte dos jovens pesquisados por mim cursou ou está cursando o ensino superior.

Dos jovens que possuem o ensino médio, dois demonstram o desejo de voltar a estudar, uma jovem com intenções de ingressar na Faculdade, e o outro jovem pretende investir em curso de fotografias que, segundo ele, o conhecimento através do curso de fotografias lhe permitirá contar por meio da imagem as belezas de Morrinhos com melhor precisão. Já uma das jovens entrevistadas para este trabalho, como veremos mais adiante, pretende se estabelecer no meio urbano trabalhar, retornar ao estudo e ali construir a sua vida.

Castro (2009, p. 179), reafirma que: “sair e ficar” “do campo é mais complexo que a leitura da atração pela cidade, e nos remete à análise de juventude rural como uma categoria social chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo”. Concordo com a afirmação dessa autora, pois, ao pesquisar os jovens do Distrito de Morrinhos deparei-me com os dilemas das pressões sofridas pelas mudanças da sociedade. Vimos no depoimento da Géssica, uma das entrevistadas, que a educação recebida pela família a conduzia ao casamento e a seguir com as atividades da sua família ou acompanhar o seu marido, entretanto a sociedade exigia dela outro posicionamento, pois, ao lhe ser ofertado um trabalho na escola local era necessário que ela estivesse cursando uma faculdade. Percebe-se nas colocações da Géssica que a estrutura organizacional da sociedade vem mudando e essas mudanças contribuem na tomada de decisão dos jovens, pois, segundo a entrevistada, não há a necessidade de sair do meio rural para estudar e mesmo desenvolver atividades não agrícolas.

Neste sentido chamou-me a atenção as colocações de Brumer (2006, *apud* Mocelin (2009, p. 71) onde a autora destaca duas questões centrais para o abandono do campo pelos jovens. A primeira refere-se a desvalorização do trabalho agrícola e por consequência a desvalorização do trabalhador rural atribuindo uma "visão negativa", um dos fatores de origem do êxodo rural. A segunda afirmativa esta relacionada ao processo sucessório, que segundo essa autora envolve as questões de gênero, onde as transferências de bens materiais tendem a privilegiar os jovens homens ocasionando desfavorecimento para as jovens mulheres. Refletindo com Brumer (2006, *apud* Mocelin (2009, p. 71) vimos que essa

desvalorização do meio rural apontada pela autora está explícita no depoimento de uma das entrevistadas para este trabalho. Entretanto, outros entrevistados não possuem essa visão negativa, ao contrário percebem no campo e na continuidade das atividades agrícolas desenvolvidas pelas suas famílias a possibilidade de seu crescimento profissional e pessoal.

Outro ponto a ser visto é a análise de Champagne (1986), *apud* Brumer, (2007, p. 37), onde o autor descreve a visão dos jovens em relação ao rural e o trabalho no campo. Para ele, a rejeição dos filhos em continuar o trabalho dos pais deve-se ao fato dos jovens considerarem o trabalho árduo. E, há o atrativo do modo de vida da cidade, que segundo esse autor ao ser comparado com a vida no campo, "os leva considerar a agricultura de maneira mais negativa do que positiva". A análise desse autor reflete o pensamento da Valéria, uma das entrevistadas para este trabalho. Ela diz não ter intenções de permanecer no meio rural por este não lhe oferecer as oportunidades desejadas sendo estas, voltar a estudar e trabalhar em atividades não agrícolas.

Wanderley (2007, p. 23-24), em um estudo realizado no estado de Pernambuco, aborda os aspectos que caracterizam o jovem rural dos pequenos municípios do estado. As características apontadas pela autora referem-se ao "habitat disperso, a dependência em relação à sede municipal ou a outra cidade próxima e a precariedade ao acesso de bens e serviços socialmente necessários, inclusive acesso as ocupações não agrícolas". O estudo de Wanderley (2007) confirma maior benefício ou a sucessão destinada ao jovem homem, sobrando para as jovens mulheres o casamento ou a migração. Para essa autora o compromisso dos jovens homens ou mulheres com a família é um fator essencial para manter a unidade produtiva e a sucessão familiar.

[...] a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro, que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e a reprodução do estabelecimento familiar. Essas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural (WANDERLEY, 2007, p. 23 - 24).

As considerações de Wanderley (2007) assemelham-se a outros estudos efetuados pela autora. Nos estudos realizados em 2001, a autora afirma que a reprodução social e o

afixamento do jovem no campo têm como objetivo garantir a continuidade da família. Em Wanderley (2003), a autora nos diz que em conformidade com dados de seus estudos realizados em 2001 o comportamento das famílias de agricultores continua inalterado, e que a sucessão permanece destinada aos jovens homens, enquanto para as jovens mulheres são incentivadas pelos pais a migração e a busca de estudo e trabalho no meio urbano. De acordo com Wanderley (2003), a divisão dos filhos, em quem deve ficar e quem deve partir esta relacionada em grande parte das famílias pelo tamanho das unidades produtivas e pelas condições de manterem o seu sustento: “uma unidade familiar de produção tende, pela sua própria natureza, a propiciar a saída de certo número de filhos que não podem ser mantidos no interior do estabelecimento familiar” (WANDERLEY, 2003, p.10).

1.2 - Juventude rural, permanência no campo e sucessão familiar

A categoria juventude vem sendo discutida nas últimas décadas e de um modo geral associada a problemas sociais. Abramo (2005, p. 37) diz que: “muito do que se escreve sobre juventude é para alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”. Afirma ainda a autora que, entre estes debates acerca da juventude, um deles tem como objetivo dar visibilidade à categoria focando-se:

[...] nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade e seus traços dominantes, examinando seus valores, opiniões e a atuação social e política que desenvolvem para avaliar como os jovens a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam (ABRAMO, 2005, p.40).

Na sequência das suas afirmações a autora diz que há outros debates referentes às características demográficas do jovem e também como sujeito de direito. Para a autora, estes debates se constituem em uma necessidade social para a formulação de políticas públicas que venham contribuir para a visibilidade da categoria. Assim, ao estudar as significações que a sociedade atribui à categoria das "juventudes", segundo Abramo, (2005, p. 43 - 44), nos dias atuais há a necessidade de falar de "juventudes no plural, e não de juventude no singular". Alerta a autora, que esta necessidade é uma consequência das desigualdades pelas quais a categoria atravessa e também pela transformação da "noção de sociedade".

Abramovay (1998), ao estudar as categorias juventude urbana e rural afirma que a urbana necessita de estímulos e acompanhamento para construir a formação profissional e a

rural se apresenta como herdeira natural da profissão de agricultor o que requer mais do que o aprendizado do trabalho com a terra, pois é preciso aprender a gerir o patrimônio familiar.

Weisheimer (2005) argumenta que a continuidade da "profissão agrícola" está diretamente ligada à sucessão familiar cabendo a um dos filhos exercer as atividades administrativas e sucessórias. Brumer *et al.* (2000), mencionam o fato de o jovem permanecer no campo vinculado a autonomia, ou seja, não depender de trabalho remunerado. A autora registra também o fato da tranquilidade que a vida no campo proporciona além de viver em meio à natureza e, em consequência, ter maior qualidade de vida.

De acordo com Carneiro (2005), o jovem que permanece no campo mantém uma estreita relação com o meio e é detentor de conhecimentos, da importância do desenvolvimento sustentável e dos benefícios para população rural e da cidade. Carneiro (2005) afirma que estes jovens vêem a vida no campo de forma positiva atribuindo este reconhecimento aos laços familiares, de vizinhança e de amizade. A partir desta constatação surge a noção de o campo como "lugar para viver". Conforme destaca a autora, os jovens sentem-se naturalmente inseridos em uma relação de pertencimento e a permanência no campo não se dá apenas pela oportunidade da continuação com a agricultura ou pelo processo sucessório, mas, pelo fortalecimento das relações sociais partilhadas desde a infância.

Weisheimer (2005) levanta uma série de questões no que concerne a juventude rural. De acordo com esse autor, há diversos estudos de várias vertentes e ramificações nos últimos tempos que se mostram empenhados em compreender as transformações no campo e no cenário agrícola fator que altera a estrutura da população rural e interfere nas relações familiares e sociais, nas condições de trabalho e distribuição de renda. Weisheimer (2005) mapeou e discutiu a juventude rural no período de 1990 a 2004. Neste estudo, o autor identifica quatro linhas de abordagem referente à temática da juventude rural.

Na concepção de Weisheimer (2005), a primeira linha "Juventude e Educação Rural" aborda dois focos investigativos. Na primeira abordagem o autor ao mesmo tempo em que relata a inserção dos jovens rurais aos sistemas públicos de ensino faz uma crítica ao modelo convencional adotado nas escolas rurais que seguem os padrões das sociedades urbanas e industriais desconsiderando a cultura local e as necessidades dos jovens rurais, com isso criando uma barreira entre a escolarização e o "trabalho agrícola". Weisheimer (2005), menciona também o fato de o estudo ser visto pelos jovens rurais como requisito ao seu

ingresso no mercado de trabalho não rural, destacando que tal condição é mais frequente entre as mulheres. Em uma segunda visão descrita pelo autor, o enfoque gira em torno dos projetos e cursos profissionalizantes destinados aos jovens rurais oriundos das famílias de agricultores, cuja finalidade é a permanência no campo, nas atividades agrícolas e agroindustriais a partir da incorporação do conhecimento adquirido e da aplicação nas UPs.

Na continuação, o autor discorre sobre o que ele denominou "Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva". Para tanto, ele afirma que nesta linha de pesquisas "predominam as análises voltadas à construção das identidades sociais dos jovens em contextos de assentamentos rurais de reforma agrária" Ao analisar os autores que tratam desta questão, Weisheimer, (2005, p. 17) salienta a heterogeneidade, a capacidade de conduzir estilos de vida semelhante ao urbano e direcionar as ações organizadas na vida social, familiar e na política. A terceira linha identificada pelo autor "Juventude Rural e Inserção no Trabalho" abrange maior número de pesquisas e questões levantadas em maior dimensão, uma vez que aborda a inserção dos jovens no trabalho, a diversidade de ocupações e discute as questões de gênero e sucessão familiar. Com a identificação da quarta linha de pesquisa "Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar", Weisheimer (2005, p. 19) comenta sobre os processos sucessórios na agricultura familiar. De acordo com o autor, as questões abordadas nas pesquisas mostram conceitos e definições acerca da sucessão familiar e do gerenciamento da UP.

[...] é em torno da sucessão profissional, da transferência hereditária e das aposentadorias que se desenrolam os processos sociais que perpassam a formação de uma nova geração de agricultores. Esses estudos incorporam a suas análises a oportunidade de trabalho independente da família; o acesso à educação; a perspectiva matrimonial com um agricultor; a possibilidade de herdar terra; o envolvimento na unidade produtiva; o tamanho da propriedade e a renda familiar como fatores que incidirão nas disposições dos jovens em permanecer no trabalho, assegurando que a unidade produtiva passe assim de geração a geração (WEISHEIMER, 2005, p. 19).

O autor identifica pesquisas e conceitos que exploram os projetos individuais dos jovens rurais. No contexto das pesquisas são destacados fatores que instigam os jovens não apenas a reelaborar os seus projetos, mas, a questionar a própria estrutura dos projetos familiares. As reivindicações são normalmente pautadas pela agregação da melhoria da qualidade de vida e a agregação de estilos e modelos urbanos. A incorporação destes valores resulta, segundo Weisheimer (2005, p. 20), na possibilidade de permanência do jovem no campo.

Dessa síntese, resultam novas possibilidades de permanência no campo sustentadas pela reelaboração de identidades sociais dos jovens agricultores. [...] A possibilidade de reprodução da agricultura familiar é vista ainda pelo acesso dos jovens filhos de agricultores à cidadania. Constatam que na busca por direitos os(as) filhos(as) de agricultores familiares transitam em diferentes espaços da sociedade, construindo uma matriz valorativa diversa [...] (WEISHEIMER, 2005, p. 20).

O autor ainda cita Spanevello, (2003) e Stropasolas, (2002, 2003), partindo dos estudos investigativos do cenário rural e da agricultura familiar, destacando a pluriatividade como fator favorável à permanência do jovem rural no campo. Como o já explicitado no início deste trabalho o foco de análise consiste na permanência ou não do jovem do Distrito de Morrinhos no seu local de origem. Entretanto, ao buscar o apoio teórico encontrei em Weisheimer (2005 p. 20) a pluriatividade com um dos fatores responsáveis pela permanência do jovem rural pesquisado por ele no campo.

Não é minha intenção aprofundar o assunto referente à pluriatividade, pois, não é parte integrante da pesquisa deste trabalho, mas, é preciso referenciar a existência da pluriatividade apontado por Weisheimer (2005 p. 20), como fator contributivo para a permanência do jovem rural no campo. Assim, para melhor compreender o significado do termo pluriatividade recorri a Schneider (2005, p. 4). Segundo esse autor, a pluriatividade é a adoção de atividades agrícolas e não agrícolas em uma mesma UP. De acordo com o autor, uma família ou UP pode ser definida como pluriativa a partir da combinação das atividades agrícolas ou não agrícolas por pelo menos um membro familiar. Neste sentido e, reportando-me ao jovens que é o foco deste estudo, faz-se necessário citar as colocações de uma das entrevistadas, Vanessa, que menciona a existência da confecção de doces artesanais no interior de muitos núcleos familiares do Distrito de Morrinhos.

Assim, podemos seguir o que Schneider define como pluriatividade observando que isto é:

[...] um fenômeno que se caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família. A emergência da pluriatividade ocorre em situações em que os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não-agrícolas. Ou seja, a pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas. Objetivamente, a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura. Esta interação entre atividades agrícolas e não-agrícolas tende a ser mais intensa à medida que mais complexas e diversificadas forem as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem situados. Isto faz com que a pluriatividade seja um fenômeno heterogêneo e diversificado que está ligado, de lado, as estratégias sociais e produtivas que vierem a ser adotadas pela família e por seus membros e, de outro, dependerá das características do contexto em que estiverem inseridas (SCHNEIDER, 2005, p. 4).

Voltando ao que Weisheimer (2005, p. 27) enfatiza vemos que apesar da produção acadêmica sobre os jovens rurais ser considerada pequena, encontra-se nestas produções um relativo aprofundamento em diversas questões no que tange a categoria juventude e jovens rurais que permite o esclarecimento de muitas dúvidas que cercam essa categoria o seu modo de ser e de viver.

Os estudos sobre juventude rural realizados pelos autores citados neste referencial teórico demonstram muitos interesses entre os jovens rurais: de um lado as pesquisas apontam para o desejo individual da juventude rural de sair do campo em busca de melhores condições de trabalho e estudo, por outro o desejo das famílias da permanência no seio familiar de parte destes jovens como forma de sucessão ou de reprodução do meio rural. Como afirmam Carneiro e Castro (2007), as discussões em torno da juventude geram uma "série de definições divergentes". Ou seja, trata-se de uma questão cultural, sendo o fim da juventude identificado como o término dos estudos e a inserção na vida profissional, ou mesmo a constituição de uma nova família. Assim, pode se constatar que a busca pela melhoria de qualidade de vida tem sido um dos fortes motivos para a migração rural no Brasil de homens, mulheres e famílias inteiras nas últimas décadas. Este fator migratório é encontrado no Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo e no perfil dos jovens por mim estudado. Dos participantes desta pesquisa, a jovem Valéria entende que a migração lhe proporcionará melhores condições de trabalho e a possibilidade de continuar estudando.

Volto a afirmar, seguindo o que Wanderley (2007, p. 24) diz que a permanência dos jovens no campo está diretamente ligada às relações familiares e aos vínculos de amizade e pertencimento. Entretanto, esta autora alerta para o fato de a realização profissional pesar na tomada de decisão entre o permanecer no meio rural ou migrar para o meio urbano.

A vida cotidiana dos jovens é fortemente marcada pelas relações com a família e com a comunidade local. [...] o compromisso dos jovens com a família é indispensável ao funcionamento e à reprodução da unidade produtiva e se expressa, especialmente, na sua participação no sistema de atividade familiar. (WANDERLEY, 2007, p. 24).

Em consonância com o que nos diz essa autora, e considerando as colocações da entrevistada Valéria, que discutimos o próximo item deste trabalho que é a educação do campo. Wanderley (2007, p. 24), afirma que os vínculos familiares são determinantes para a permanência dos jovens no campo, mas, salienta a necessidade da autoafirmação destes

jovens através do trabalho. Sendo assim, a educação do campo pode contribuir com as decisões dos jovens rurais entre permanecer no campo ou migrar para o meio rural.

1.3 - A trajetória da educação do campo no Brasil a partir do movimento "Por uma Educação do Campo".

Após trazer para o centro do debate algumas concepções referentes às "juventudes" e a juventude rural, proponho-me neste subcapítulo também a abordar a educação do campo, considerando este um fator determinante para a permanência dos jovens no campo. Desta forma, este item tem como tarefa elucidar as concepções de Educação do Campo a partir do movimento "Por uma Educação do Campo". Considerando que os movimentos sociais foram os precursores da luta pela educação do campo, houve por parte destes, a abrangência da luta por uma educação pública que contemplasse as necessidades específicas do homem do campo. Isto ocorreu pelo fato de que no Brasil a educação do campo e a escolarização do homem do campo sempre foram deixadas de lado, pois, a ideia é que o campo era um lugar para o desenvolvimento do trabalho agrícola, não necessitando, portanto, de sujeitos letrados. Desta forma, a educação foi pensada de acordo com os interesses das classes dominantes, esquecendo-se das populações pobres. Leite (2002, p. 14) nos diz que

A educação no Brasil, por motivos sócio-culturais sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação política ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão. "gente da roça não carece de estudos. Isto é coisa de gente da cidade" (LEITE, 2002, p. 14).

As discussões que envolvem as questões educacionais do campo tomaram corpo no Brasil a partir do movimento "Por uma Educação do Campo", na década de 1990. Um dos princípios deste movimento é de que "não basta ter escolas no campo, é preciso ter escolas do campo". (KOLLING *et al.*, 1999, p. 29). Segundo esse autor, há a necessidade de as escolas do campo engajar as "práticas já existentes novos projetos e ações educativas que ajudem na formação dos sujeitos do campo".

É neste sentido que emergiram as discussões do movimento "Por uma Educação do Campo", cujos agentes principais foram os Movimentos Sociais em luta pela terra. De acordo com Caldart (2004, p. 27), estes movimentos se constituíram pela busca dos povos do campo

por um novo sistema educacional mais abrangente, uma proposta que promova a educação do campo e que ao mesmo tempo resguarde as identidades culturais dos sujeitos que protagonizam estes movimentos. Segundo essa autora, o movimento "Por uma Educação do Campo", se caracteriza pela autonomia e independência, é um movimento de classes e que toma posições diante dos problemas sociais. A autora afirma ainda, que foram estes movimentos e suas organizações que garantiram a construção da proposta de uma educação do campo voltada para a população do campo, ratificando que foi um desafio propor um modelo educacional de superação da dicotomia rural-urbano.

Outro desafio é pensar numa proposta de desenvolvimento e da escola do campo que leve em conta a tendência de superação da dicotomia rural-urbano, que seja o elemento positivo das contradições em curso, ao mesmo tempo que resguarde a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida (CALDART, 2004, p. 27).

No mesmo sentido, Vendramine (2007, p. 123), considera que a educação do campo nasceu da luta de trabalhadores e trabalhadoras do campo por uma educação que rompesse com o modelo de exclusão e dominação historicamente sofrida pela população rural, modelo em que as políticas públicas de educação eram voltadas para o urbano, submetendo à educação rural a marginalização e ao abandono.

É preciso compreender que a educação do campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas, mas emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e da ausência de condições materiais de sobrevivência para todos (VENDRAMINE, 2007, p. 123).

A autora observa que as lutas desencadeadas pelos movimentos sociais buscaram o direito de melhores condições administrativas e pedagógicas para o meio rural e a educação do campo. De acordo com ela,

Uma importante e significativa mudança de teoria e de prática no que se refere à educação rural foi o movimento nacional desencadeado para a construção de uma escola do campo, vinculada ao processo de construção de um projeto popular para o Brasil, que inclui um novo projeto de desenvolvimento para o campo. Nesta orientação, foram realizadas diversas conferências estaduais e nacionais, sendo a primeira conferência nacional, "Por uma Educação Básica do Campo", realizada em 1998 e organizada pelo MST, CNBB, UNICEF e UNESCO. Essa primeira Conferência inaugurou uma nova referência para o debate e a mobilização popular: Educação do Campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural, ao reafirmar a legitimidade da luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para os sujeitos que vivem e trabalham no campo (VENDRAMINE, 2007, p. 123).

Para Vendramine (2007, p. 123), a valorização e a incorporação da educação do campo pelos movimentos sociais e os sindicatos do campo, cresceu com a adesão de órgãos públicos nacionais como a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Universidade de Brasília (UnB), o próprio Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) e entidades internacionais com atuação no Brasil como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e a UNESCO.

Desta forma, em 1998, politicamente organizados os movimentos sociais do campo participaram arduamente na criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), cuja criação, data de 16 de abril de 1998, conforme portaria nº 10/98 do Ministério Extraordinário da Política Fundiária. No entanto, a luta por uma educação do campo teve origem no núcleo do MST, se ampliando com a realização do "I Encontro dos Educadores e educadoras da reforma Agrária - ENERA" realizado no ano de 1997, na cidade de Luziânia no estado de Goiás. (BRASIL, 2004, p. 15). Com a adesão dos órgãos e entidades supracitados acima, a educação do campo adquire um novo contexto, uma nova referencia passando a ser identificada como "educação do campo e não mais como educação rural, ou educação para o meio rural" VENDRAMINE, 2007, p. 123). O envolvimento de diferentes entidades e órgãos públicos fez com que se realizasse a II Conferência Nacional por uma Educação do Campo de 2004 em Luziânia (GO), que também contou com o apoio de "outras organizações sociais do campo e da educação, de universidades, de ONGs e de Centros Familiares de Formação por Alternância, de secretarias estaduais e municipais de educação e de outros órgãos de gestão pública" VENDRAMINE, 2007, p. 123).

A autora salienta que o teor das discussões na Conferência de Luziânia decorreu em torno da efetivação de uma educação do campo no Brasil como política pública permanente. Desta forma, após a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo sob o parecer nº 36/2001 e a Resolução nº 1/2002 do Conselho Nacional de Educação, foi instituído em 2003 o Grupo Permanente de Trabalho (GPT) de Educação do Campo e também foi criada em 2004 a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. (SECAD). O objetivo da criação da SECAD foi desenvolver ações "de uma política nacional de Educação do Campo", reivindicada pelos "movimentos sociais e sindicais do campo". Diferentes ações foram implementadas a partir da criação do PRONERA, o primeiro passo para isto foi a publicação do caderno Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo em fevereiro de 2004. (BRASIL, 2004, p. 37). Neste caderno diz que:

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes e rostos, lembranças, gêneros, raças e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença à terra e nas formas de organização solidária. Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo precisa incorporar essa diversidade, assim como precisa tratar dos antagonismos que envolvem os modelos de agricultura, especialmente no que se refere ao patenteamento das matrizes tecnológicas e à produção de sementes. Incorporar não somente ao currículo, mas ao cotidiano da escola, a cultura da justiça social e da paz é tarefa fundamental para um projeto político de educação do campo que se pretenda emancipatório (BRASIL, 2004, p. 37).

A partir dele e dos estudos realizados pelo GPT, a SECAD realizou diversos seminários com a finalidade de mobilizar os estados e municípios para desenvolver ações conjuntas entre o poder público, os movimentos sociais e as organizações não governamentais em que as políticas educacionais para a educação do campo viessem a contemplar o que previu a Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que em seu artigo 28 dispõem sobre a oferta da educação básica para as populações rurais. (BRASIL, 1996).

Art. 28 – Na oferta de educação básica para população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar e as fases do ciclo agrícola e às condições climáticas (BRASIL, 1996).

De acordo, com o que previu LDB no seu artigo 28, as escolas do campo deverão promover as adaptações necessárias conforme as particularidades de cada região, inserindo nos conteúdos curriculares metodologias direcionadas às necessidades da vida do campo, além de realizar adaptações no calendário de funcionamento das escolas rurais.

Deste modo, as especificidades do campo e a diversidade sociocultural reconhecidas no artigo 28 da LDB orientam os sistemas de ensino a adaptar suas organizações adequando-as de forma a prestar atendimento de acordo com a realidade do campo. Arroyo, (1999, p. 19), já enfatizava que além das adequações a realidade rural é necessário que os educadores que atuam nas escolas rurais se esforcem para que as crianças, os jovens e os adultos tenham acesso a educação e a conhecimentos não apenas a oferecida através dos livros.

Nós temos que fazer tudo para que a criança, o jovem e adolescente e o adulto do campo, tenham acesso ao conhecimento. Isto tem que ficar muito claro. Mas, não podemos dizer-lhes que apenas com habilidades mínimas de leitura e contas é suficiente (ARROYO, 1999, p. 19).

Para esse autor, cabe ao educador a ampliação do horizonte de conhecimento das crianças, adolescentes, jovens e adultos do campo não se restringindo somente aos livros. Caldart (2004) afirma que a educação é representada por sujeitos concretos, que buscam através dela a formação intelectual em todas as suas instancias, ou seja, os campos políticos, os culturais e os sociais.

a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo, e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele (CALDART, 2004 p. 18).

Conforme o abordado acima a educação do campo vem desde a sua implantação a partir do movimento "Por uma Educação do Campo", na década de 1990, contribuindo para que as populações do campo se eduquem e que os governos federal, estadual e municipal desenvolvam ações em torno do cumprimento do direito à educação dessas populações rurais.

É neste sentido, que a educação aparece como credencial para o trabalho para alguns dos jovens rurais entrevistados neste TCC e se constitui em um valor para eles, embora, enfatizem que há dificuldades em morar no meio rural e estudar, reconhecem que podem sentir-se privilegiados em relação a outros jovens do próprio Distrito de Morrinhos que migraram para trabalhar e, ainda outros que exercem a profissão de agricultor, mas que, não possuem estudo tendo-o abandonado em função da necessidade de trabalhar e ajudar a prover o sustento familiar. A partir dos depoimentos colhidos é possível afirmar que a educação oferecida aos povos do campo precisa ser mais que o ato de ensinar a ler e escrever precisa ensinar estes povos a criar uma postura diante da vida Para isso precisa assumir características diferentes da educação urbana, fator que deu origem a luta dos movimentos sociais por uma educação específica para o campo e levou educadores/as e outros órgãos da sociedade a se engajarem nesta luta.

Para finalizar este capítulo enfatizo que, para que haja justiça social no campo há necessidade de uma educação de qualidade, de inclusão e não essa educação que exclui, expropria os valores do homem do campo. Para isto acontecer há a necessidade de mostrar ao homem do campo as possibilidades que o campo oferece, é preciso que o campo seja visto como um lugar de vivência e de convivências.

2 - O MUNICÍPIO DE SÃO JERÔNIMO: ASPÉCTOS DEMOGRÁFICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.

Ao descrever o espaço empírico da pesquisa vou abordar os aspectos gerais e históricos que formam o município de São Jerônimo. Do mesmo modo, contemplar uma descrição do Distrito de Morrinhos, espaço empírico da coleta de dados.

São Jerônimo se localiza na mesorregião metropolitana de Porto Alegre estado do Rio Grande do Sul a uma distância de 68 km da capital, está inserido no Bioma Pampa, possui área geográfica de 936 km² e a população de acordo com dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é composta por 22.134 habitantes, destes 4.670 vivem no meio rural, caracterizando um percentual de 76,97% no meio urbano e 23,03% no meio rural.

Do número total de habitantes 22.134 no município de São Jerônimo, 3.478 (16%) são jovens com faixa etária entre 15 e 24 anos e 18.656 representam os habitantes fora desta faixa etária.

A densidade demográfica registra 23,7 hab./km², com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,79. (IBGE, Censo 2010). As figuras 1 e 2 mostram a localização do município de São Jerônimo.



Figura 1- Localização do município de São Jerônimo

Fonte: <http://images.google.com.br/>



Figura 2 - município de São Jerônimo

De acordo com a história, o município de São Jerônimo até 30 de setembro de 1861, data da sua emancipação política denominava-se Passo das Tropas e fazia parte do município de Triunfo. Entretanto, a conquista definitiva da categoria de município data de 02 de março

de 1938, decorrentes de grande desenvolvimento econômico. O surgimento das charqueadas às margens do Rio Jacuí originaram o crescimento das estâncias, visto que absorviam todo o gado abatido no interior das unidades produtivas e transformavam a carne em charque. Outro fator contribuinte para o crescimento econômico de São Jerônimo está associado à exploração do carvão mineral, minério abundante em toda a região.

As características predominantes de agricultura familiar encontradas no município passaram como em todo o País pela modernização e tecnificação na agricultura impulsionado pela Revolução Verde. No Brasil, a partir da implantação deste modelo de agricultura os estabelecimentos agrícolas foram obrigados a deixar o sistema denominado “Complexos Rurais”, integrando-se ao chamado “Complexos Agroindustriais”. Conforme Pacifico (2009, p 37), as mudanças no modelo econômico e a modernização da agricultura, ocasionaram aos agricultores familiares impactos negativos que os levou a adotar novas práticas agrícolas, pois, não possuíam acesso a compra de sementes, insumos agrícolas e a possibilidade de mecanizar as suas lavouras. Desta forma, não podendo acompanhar os grandes investidores (PACIFICO, 2009, p. 37).

De acordo com essa autora, a mecanização da agricultura contribuiu de forma crucial para a desestabilização dos pequenos agricultores, que se viram subordinados aos padrões adotados pelo sistema capitalista do setor industrial, fator que alterou radicalmente as relações sociais e levou muitos agricultores a venderem suas propriedades às grandes empresas que se instalam no campo. Este modelo tornou-se o responsável pelo início no processo migratório no Brasil "no final da década de 1960 e durante toda a década de 1970". (PACIFICO, 2009, p. 37).

Os dados da EMATER/Ascar de São Jerônimo indicam que o perfil das UPs é de pequeno e médio porte totalizando 1.228 estabelecimentos, onde a área de 78,8% das UP é até 50 ha, 10,0% correspondem as UP de 51 a 100 ha, 9,2% equivalem a UPs de 101 a 500 e apenas 2,0% possuem mais de 500 ha. A tabela abaixo mostra a distribuição em porcentagem e área das UPs.

Tabela 1 - Distribuição das UP em quantidade e área

0 - 50 há	78,8%
51 - 100 ha	10,0%
101 – 500 ha	9,3%
+ 500 ha	2,0%

Fonte: EMATER/Ascar - RS de São Jerônimo.

A produção agropecuária do município tem como base a bovinocultura seguida, embora em menor número pela ovinocultura. Na agricultura a dinâmica sociocultural está associada à lavoura temporária e a silvicultura. Os dados fornecidos pela EMATER/Ascar do município destacam o rebanho bovino de corte com 29.000 cab., enquanto o rebanho de ovinos está estimado em 6.400 cab. Na produção de grãos o milho aparece em maior quantidade ocupando uma área de 4.500 ha, na sequencia vêm o arroz com 2.000 ha. e o feijão com 450 ha. Outras culturas que compõem o cenário agrícola do município são a melancia e o melão, 1.150 ha e 180 ha respectivamente. A plantação de fumo também faz parte da economia do município abrangendo o total de 3.200 ha. Segundo a EMATER/Ascar - São Jerônimo, nas últimas décadas a cultura da acácia negra e do eucalipto vem ganhado espaço no município ocupando na atualidade mais de 15.000 ha. De acordo com a mesma instituição, cerca de 92% são de UP pertencentes a agricultores familiares, entretanto grande parte destas UP perderam as suas características ao ceder a terra para as empresas exploradoras da silvicultura. A tabela dois ilustra a distribuição das principais atividades econômicas do município de São Jerônimo.

Tabela 2 - Principais atividades econômicas do Município de São Jerônimo e abrangência territorial produtiva.

Milho	Fumo	Arroz	Melancia	Feijão	Melão	Acácia e	Bovinos	Ovinos
						Eucalipto		
4.500ha	3.200ha	2.000ha	1.150ha	450ha	180ha	+15.000ha	29.000cab.	6.400cab.

Fonte: EMATER/Ascar- RS de São Jerônimo.

A tabela acima representa a base econômica do município. Todavia, é preciso enfatizar que se encontra também no interior das UPs familiares a produção de verduras e

legumes destinados ao Programa Nacional de Merenda Escolar (PNAE), mediante aquisição da Prefeitura Municipal em parceria com a EMATER.

2.1 - O Distrito de Morrinhos

Situado a 40 km da sede do município, o Distrito de Morrinhos, local de realização da pesquisa, mantêm características de agricultura familiar. A base econômica do Distrito de Morrinhos ainda é a agricultura familiar, apesar do avanço da silvicultura. O aumento desta cultura contribuiu com êxodo rural nas últimas décadas como em todo o território nacional causando no Distrito significativa desertificação. Com a saída do campo da população rural, houve no Distrito de Morrinhos uma reconfiguração da paisagem, pois quem saiu vendeu ou arrendou as suas terras para as empresas que exploram a silvicultura. Essa nova configuração na paisagem pode ser vista quando percorremos o Distrito de Morrinhos para efetuar as entrevistas. Muitas casas em estado de abandono foram visualizadas, retratando uma extensa área ocupada com acácia e eucalipto o que configura a expulsão das famílias de agricultores e a incorporação de suas propriedades por essas empresas.

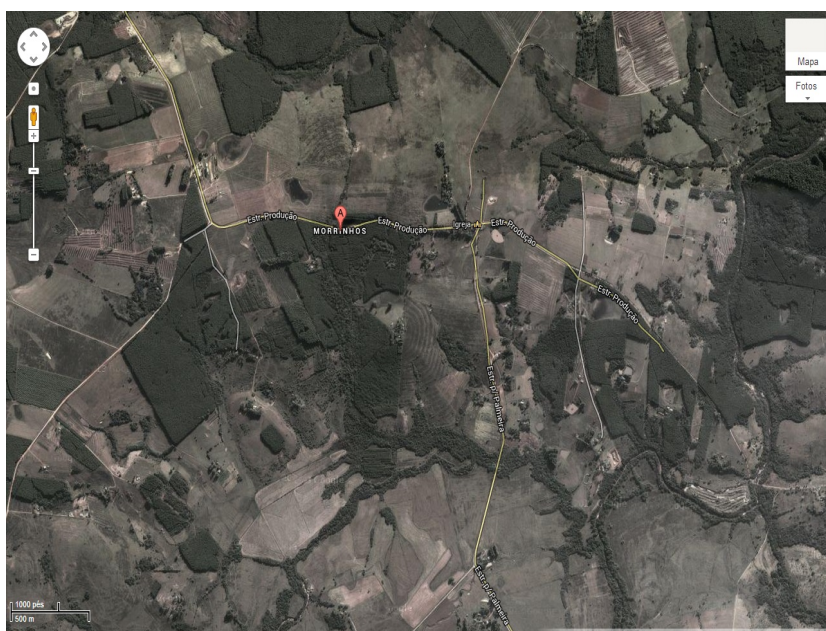


Figura 3 - Distrito de Morrinhos foto satélite.

Fonte: Google Earth.

De acordo com dados da Associação de Agricultores e Moradores de Morrinhos, o Distrito, embora com o acentuado êxodo rural e, nas últimas décadas, o avanço da silvicultura, não perdeu a sua característica de Distrito cuja base agrícola é a agricultura familiar. Os registros dos agricultores familiares pela Associação de Agricultores e Moradores dão conta da existência de 381 propriedades. Entretanto, este número pode mudar, pois os dados são de 2008, e segundo o Senhor Miro Fagundes, presidente da referida entidade, há uma população flutuante no Distrito, e muitas famílias quando saem vendem as suas terras e isso diminui o número de propriedades, pelo fato de serem incorporadas a outras já existentes e cadastradas pela Associação de Agricultores e Moradores de Morrinhos.



Figura 4 - Vista de Morrinhos: Fotografia de Marcelo de A. Silveira

Fonte: Google Earth

Uma das características de Morrinhos é o grande número de jovens residentes no Distrito. Os jovens predominantemente exercem atividades agrícolas. Mesmo aqueles que estudam, trabalham na agricultura no turno oposto. Deve-se ressaltar que os que trabalham com atividades agrícolas são os filhos homens, para as filhas mulheres as atividades designadas estão relacionadas aos cuidados com a casa e na elaboração da alimentação da família. Com relação aos serviços disponíveis, a população conta com uma escola de ensino fundamental, com um posto telefônico, com uma capela da igreja católica, um salão de festa e

Associação de Agricultores e Moradores que presta assistência na compra de sementes, insumos, mudas de árvores frutíferas e de flores.³

2.2 - Pólo educacional no município de São Jerônimo

O município de São Jerônimo conta com um pólo educacional constituído por trinta e seis instituições de ensino e distribuídos conforme mostra tabela abaixo.

Tabela 3 - Instituições de Ensino em São Jerônimo

Pré Escola	09
Ensino Fundamental	24
Ensino Médio	02
Ensino Superior	01
Total	36

Fonte: Secretaria de Educação de São Jerônimo.

As instituições municipais de ensino abrigam uma demanda de 1.339 estudantes de acordo com dados da Secretaria de Educação e o quadro municipal de professores é composto por 138 docentes atuando na educação infantil e no ensino fundamental. Os dados revelam ainda que no ano de 2013 estão matriculados 1.339 alunos. Do número de matrículas 386 estão na educação infantil, 29 alunos cursam o EJA e 924 estão matriculados no ensino fundamental.

O município também oferece vagas a estudantes dos municípios circunvizinhos, isto se deve pelo fato de no município estar instalada a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). No município de São Jerônimo também são oferecidos aos estudantes outros mecanismos e projetos para promover a educação, como a sala Mário Quintana destinada a oficinas de leitura e à Hora do Conto para os alunos da rede municipal de ensino, também são

³ Os registros referentes aos dados da Associação de Agricultores e Moradores de Morrinho foram obtidos através de conversa com o Senhor Miro Fagundes, Presidente da referida entidade.

oferecidos aos alunos o Programa de Atividades Complementares que visa reforçar o aprendizado dos alunos e ainda o Projeto A cor da Cultura, cujo objetivo é o estudo da formação do povo brasileiro e a valorização das etnias que formam este povo.⁴

⁴ Informações referentes ao número de matrículas na rede municipal de ensino e o número de professores em atuação foram fornecidas pela Secretaria de educação de São Jerônimo.

3 - PERMANÊNCIA NO CAMPO E JUVENTUDE RURAL EM MORRINHOS

Neste capítulo, são apresentados os dados levantados com a realização das entrevistas com jovens no Distrito de Morrinhos. Para tanto, busquei referências nos autores que vêm nas últimas décadas tratando do tema das "juventudes" com o propósito de obter subsídios para alicerçar a pesquisa e ao mesmo tempo delinear, partido das respostas obtidas, as perspectivas quanto a continuação do estudo e a permanência no campo dos referidos entrevistados.

3.1 - Os participantes da pesquisa

O grupo de jovens rurais participantes desta investigação é composto por oito jovens com idades entre dezoito e vinte e seis anos. Destes, uma jovem possui ensino superior em Licenciatura em Matemática, um jovem cursa Licenciatura em Matemática, duas jovens cursam licenciatura em Pedagogia, quatro jovens possuem o ensino médio, sendo que, destes que fazem o ensino médio, uma jovem é formada em Técnico em Administração. Dos oito participantes da pesquisa, quatro são solteiros e moram com os pais e quatro são casados, constituíram nova família e possuem sua própria casa. No quadro a seguir, mostro uma caracterização dos jovens rurais do Distrito de Morrinhos

Quadro - 1 Caracterização da amostra de jovens rurais

Grupo focal	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolaridade
Vanessa	26 anos	F	casada	Sup. completo
Maicon	22 anos	M	solteiro	Sup. cursando
Laís	21 anos	F	casada	Sup. cursando
Géssica	20 anos	F	casada	Sup. cursando
Cleiton	24 anos	M	casado	Ensino médio
Paulo	22 anos	M	casado	Ensino médio
Valéria	19 anos	F	solteira	Ensino médio
David	18 anos	M	solteiro	Ensino médio

Elaborado por Elida Coelho, 2013.

A pesquisa indica algumas características semelhantes entre jovens entrevistados. Todos são filhos de agricultores familiares, seus pais têm baixo nível de escolaridade, vivem exclusivamente da agricultura, exceto a família do Paulo e do David. Os pais do Paulo são aposentados migraram para cidade deixando ao filho a responsabilidade de gerir a UP, já a mãe do David trabalha no comércio da família que é administrado por ele.

3.2 - Os jovens rurais e suas perspectivas

Ao focar a juventude rural do Distrito de Morrinhos no município de São Jerônimo, como tema deste trabalho procurei descrever as perspectivas destes jovens acerca da permanência ou não no meio rural, além de analisar as relações entre estudo, família e trabalho. Ao analisar as falas dos pesquisados, notei particularidades nas preocupações em torno dos projetos para o futuro. As particularidades são referentes às prioridades que cada um dos entrevistados apresenta.

Vela, Lago e Spanevello (2001, p. 6) mostram em pesquisa a estreita relação dos jovens de Nova Palma com o estudo apontando que ao decidirem pelo ensino superior a tendência é escolherem profissões ligadas a agricultura. Em consonância com o que diz Vela, Lago e Spanevello (2001), identifiquei que os jovens pesquisados no Distrito de Morrinhos demonstram este desejo da formação superior, no entanto diferem quanto a área a ser cursada.

De acordo com os autores, em Nova Palma, os jovens optam pelos cursos técnicos em agricultura com o propósito de continuar na UP, promover o desenvolvimento econômico, melhorar a qualidade de vida, além do que a permanência na terra estabelece naturalmente o processo sucessório. Já os jovens por mim pesquisados optaram pelos cursos de licenciatura, cujas razões para esta opção será explicada na transcrição e análise das falas dos entrevistados a seguir. Entretanto, é preciso também salientar que em conformidade com o exposto pelos autores citados acima no que diz respeito aos jovens de Nova Palma, no Distrito de Morrinhos também se verifica o processo sucessório com o prosseguimento da família e das atividades agrícolas desenvolvidas na UP de três dos jovens entrevistados. Estes jovens manifestaram o desejo de continuar com as atividades praticadas pelas suas famílias. No entanto, não possuem cursos específicos para a área rural e o aprendizado referente às atividades agrícolas foi

adquirido com a família através da "transmissão dos saberes". Segundo as afirmações desses entrevistados que pretendem seguir com as atividades agrícolas o campo é o melhor lugar para viver. Maicon, agricultor e estudante de Licenciatura em Matemática, diz:

Uma das vantagens que vejo é de ter meu negócio próprio, pois ser agricultor é saber gerir sua propriedade. Além de poder comer uma verdura colhida diretamente da horta ou uma fruta direta do pé, são produtos mais saudáveis que o comprado no mercado. Pretendo me formar, fazer mestrado também na área da matemática e trabalhar em escolas da região onde consiga continuar morando no campo e continuar com as mesmas atividades que realizo que são plantio, manutenção da lavoura, colheita e venda dos produtos. Não há utilização de técnicas especiais, aprendidas em cursos para agricultores ou coisa parecida. Todo o conhecimento que utilizamos aqui em casa para trabalhar com a agricultura são as técnicas que fomos aprendendo com o tempo na prática do dia-a-dia, ensinadas pelos nossos antecessores e a troca de experiências entre vizinhos. Não penso em sair, mas estou estudando, se aparecer um concurso público bom, que valha a pena largar tudo o que tenho aqui, até pode ser (Maicon, 22 anos, Morrinhos, 2013).



Figura 5 - Entrevistado Maicon executando atividades agrícolas.

Fonte: Fotografia da pesquisadora

O estudo de Spanevello, (2008, p. 79), mostra o resultado da pesquisa realizada por Weisheimer (2007) com 32 jovens no município de Agudo, destes, 70% das jovens e 57% dos jovens pretendem continuar no campo e embora não possuindo projetos vêm na agricultura a possibilidade de se estabelecerem profissionalmente. Segundo a autora, o maior número de jovens com intenção de permanecer nas atividades são as moças e este fato se deve a serem casadas.

Refletindo acerca dos jovens entrevistados por mim encontram-se aspectos em comum com aquilo que os jovens estudados por Weisheimer (2007, *apud* Spanevello, 2008, p. 79) apontam como fator predominante para a permanência dos jovens no campo. Dos jovens

participantes da pesquisa para este trabalho, encontrei duas jovens que apresentam estas características identificadas pela autora, trata-se da Géssica e da Laís, estudantes de Licenciatura em Pedagogia. Para estas jovens há a necessidade de adquirir a formação superior como forma de exercer atividades não agrícolas sem migrar para o meio urbano. Entretanto, para estas jovens, o que determinou a permanência no meio rural foi o casamento e a constituição de uma nova família. A pesquisa mostra duas realidades, as jovens Géssica e Laís priorizaram o casamento dando continuidade ao processo sucessório, mesmo elas declarando que a formação superior é importante, mas indicam que a família vem em primeiro lugar.

Posição diferente é apresentada pela Vanessa, outra das jovens entrevistadas por mim. Vanessa 26 anos é hoje professora de matemática. Ela diz que saiu do meio rural para estudar, mas, desde sempre pretendeu retornar ao campo após concluir o curso superior em Licenciatura em Matemática. A entrevistada diz que tinha um objetivo trabalhar na escola Eva Alves Pereira, localizada no Distrito de Morrinhos.

[...] nunca pretendi migrar definitivamente, fiquei apenas o tempo necessário para me formar. Quando estudava aqui na escola, pensava, eu vou ser professora aqui, meus sonhos e projetos jamais estiveram direcionados a cidade, estudei, me formei para poder trabalhar na minha casa, para os meus, desenvolver este lugar, através da educação consciente voltada para o que temos aqui, de mostrar aos meus alunos seus reais valores e mais tenho projetos futuros de desenvolvimento da agricultura, procurar a Secretaria da Agricultura do município, a EMATER a Associação de Moradores, algum parceiro que possa ajudar. Algo que percebo aqui em Morrinhos temos, laranja, bergamota e pêsego, nenhuma outra fruta, pode se começar plantando mudas, qualquer pedacinho de terra pode virar um pomar, tem muita mãe de família trabalhando com doce caseiro, vão buscar uva em Barão do Triunfo, aqui se planta moranga, mas falta a abobora, falta o amendoim, e por ai vai (Vanessa, 26 anos professora de matemática, Morrinhos, 2013).

A partir das colocações feitas pela Vanessa, indaguei-lhe sobre a forma de comercialização dos doces e quanto a criação de uma cooperativa ou, através da associação de moradores, um projeto de inserção dos produtos no mercado, objetivando aumentar a venda dos produtos fabricados pelas mães de família. A resposta dela foi taxativa: "é um sonho". Entretanto enfatizou que vai lutar por esse sonho. Segundo Vanessa, houve em 2010 um projeto da EMATER direcionado para a mulher agricultora destinado a comercializar os produtos caseiros em feiras agropecuárias. Entretanto, o projeto mencionado fracassou porque as mulheres adquiriram o hábito da venda de seus produtos de porta em porta e o pagamento na mão, ou seja, "acostumaram-se a gerir suas vendas". O depoimento dela aponta aspectos positivos em morar no local de origem, como o fato de viver em comunidade e dos moradores

serem conhecidos de longa data, estabelecem-se relações de confiança entre as pessoas, além do vínculo familiar, é indicado à existência de qualidade de vida proporcionada pela natureza, o contato com o ar puro, uma alimentação mais saudável, com produtos diretamente obtidos da horta para a mesa e, como está explícito no depoimento de Vanessa, há o desejo de trabalhar não apenas pela educação, mas também pelo desenvolvimento da localidade.

As colocações de Vanessa ressaltam a possibilidade de diferentes dinâmicas de desenvolvimento para o meio rural numa (re)organização que visa transformar os processos produtivos no interior das UPs em renda para as famílias agricultoras. As afirmações dessa entrevistada reportam-me a Schneider (2005, p. 4), onde o autor menciona a pluriatividade como forma de as famílias em um contexto social e econômico combinarem mais de uma atividade com a perspectiva de fortalecimento e desenvolvimento das UPs, uma vez que com a diversificação da produtividade há conseqüentemente a geração de renda e a melhora na qualidade de vida das famílias.

Essa preocupação com o desenvolvimento rural também está expressa na fala do Cleiton, 24 anos, motorista do transporte escolar e agricultor.

[...] sai e voltei porque percebi que liberdade eu tenho aqui, fui trabalhar e estudar em Porto Alegre, mas morar em apartamento não me serve, sou acostumado a andar de pés descalços pisando a terra, prefiro continuar plantando, o que me preocupa é ver tanta gente saindo e muitas vezes não é para melhorar de vida é por não querer plantar, e isso está deixando o campo vazio (Cleiton, 24 anos, motorista, Morrinhos, 2013).



Figura 6 - Entrevista com Cleiton, Géssica e Vanessa, realizada na E. M. E. F. Eva Alves Pereira.
Fonte: Fotografias da pesquisadora.

Ao ser perguntado quanto às razões de trabalhar como motorista do transporte escolar, visto que ele também exerce a profissão de agricultor, argumentou que trabalha com o seu pai e, juntos plantam arroz, milho, melancia e melão e que na época de plantio e de colheita utilizam mão de obra contratada. Ao responder sobre seus projetos futuros Cleiton novamente expressa a determinação de permanecer no campo, diz que pretende ter o seu próprio pedaço de terra e que está em busca de financiamento para a aquisição de uma área de 42 hectares de terra que fazem limite com a UP do seu pai, cujo proprietário faleceu, a única herdeira mora em Novo Hamburgo e não tem a intenção de voltar. Segundo o entrevistado, a exploração desta UP será com a criação de gado de corte algo que almeja a algum tempo.

Com base nas afirmações de Cleiton percebe-se que há nele vínculo com a terra e compromisso com a família. Wanderley (2007, p. 24), explica que o funcionamento da UP e a reprodução familiar têm continuidade a partir do comprometimento dos jovens em seguir com as atividades agrícolas dos seus pais. Para essa autora, no entanto, o jovem enfrenta limitações do acesso à terra e a outros bens e serviços indispensáveis para a sua permanência no rural, fator que o obriga a procurar outro meio de concretizar seus sonhos, e muitas vezes a migração se torna a saída imediata para isso.

No contexto do Distrito de Morrinhos esse desejo de permanência descrito por Wanderley (2007, p. 24) se reflete nas respostas de parte dos entrevistados, quatro entrevistados partilham do mesmo pensamento, permanecer no meio rural e dar continuidade às atividades agrícolas ou não agrícolas que a família vem desenvolvendo. Além do Cleiton e do Maicon encontram-se com aspirações semelhantes o David (18 anos, comerciante) e o Paulo (22 anos, pecuarista). O David ao narrar à história da sua vida diz que poderia ter engrossado os números estatísticos do êxodo rural. Entretanto prefere ficar e continuar com o comércio fundado pelo avô.

Tive oportunidade de ir para Caxias com meus primos e primas que estão lá, são oito, não quis, não tenho ideia de sair, tenho o meu negócio, viajar sim, conhecer outros lugares, fazer alguns cursos, gosto muito de fotografia, isso no próximo ano, neste esta meio ruim, a gente gastou muito na campanha política, ainda estamos pagando as dividas, se a mãe tivesse se eleito estaria melhor, mas faltaram dezenove votos, essa questão de legenda [...]. Eu sou a terceira geração que trabalha com comércio, primeiro foi meu avô, depois meu pai e minha mãe agora sou eu. No início a cinquenta anos atrás era um bolicho, o meu avô saía em carro de boi para a mina do Rato (cidade de Arroio dos Ratos) para buscar o que faltava aqui fora, o meu pai contava (o pai morreu há cinco anos) que era gurizinho pequeno e acompanhava o meu avo, uma vez se encarangou de frio dormindo na carroça, o meu avô teve que bater em uma casa na mina e pedir para se aquecerem. Passaram muito trabalho, no tempo do meu pai foi mais fácil tinha um caminhãozinho e agora no meu nem saio de casa para comprar, é só ligar para os

vendedores e a mercadoria no outro dia está chegando. Não sei plantar, meu avô plantava, meus tios plantam até hoje a nossa terra tem acácia, está arrendada (David, 18 anos, comerciante, Morrinhos, 2013).



Figura 7 - Entrevista com David comerciante em Morrinhos.
Fonte: Fotografia da pesquisadora.

Já Paulo salienta que até dois anos atrás vivia entre o campo e a cidade, se fixando no campo em janeiro de 2010. De acordo com as suas colocações ele sempre pertenceu ao rural, a sua família não, embora, suas origens sejam rurais. Na infância e adolescência sua trajetória foi marcada por idas e vindas, esse fato se deve em parte ao trabalho da sua mãe, professora lotada no município de Arroio dos Ratos e que precisava morar neste município para ter acesso ao seu local de trabalho, enquanto o seu pai permanecia com as atividades agrícolas na UP situada no Distrito de Morrinhos.

Minha vida foi assim, com oito anos fui morar em Arroio dos Ratos, voltei com doze anos para Morrinhos, aos quatorze anos retornei para Arroio dos Ratos ficando lá até os vinte anos, quando me casei com a Laís e decidimos que era hora de trabalhar para nós e para o nosso filho que estava a caminho. Entrei em acordo com o meu pai e com o meu irmão, e estou tocando a propriedade da maneira que dá, poderia ser melhor se tivesse mais incentivos e acessos mais fáceis a financiamentos, crio gado de corte, pouco para o tamanho da propriedade, mas, ainda não consegui comprar mais, arrendo para algum vizinho que tenha problema com pastagem, só que isso é por pouco tempo, quando o gado atinge o peso é mandado para o abate e nem sempre há outro lote. Mesmo com as dificuldades pretendo ficar aqui, eu não sou urbano a minha família sim, estão todos lá, o meu irmão foi pequeno e nunca mais voltou a não ser para passeio (Paulo, 22anos, pecuarista, Morrinhos, 2013).

Nota-se, neste caso, que apesar das tendências migratórias ainda existentes na atualidade a determinação de muitos jovens em se estabelecer no seu local de origem e construir suas vidas com seus projetos voltados para essa realidade. O desejo de permanecer

no meio rural manifestado pelo Paulo se reflete no pensamento da Laís 21 anos, estudante de pedagogia e monitora escolar.

Minha família é daqui, sempre foram, quando terminei o ensino fundamental, fui para São Jerônimo fazer o ensino médio a minha intenção era ficar por lá, logo que cheguei consegui trabalho no Shopping, me apaixonei pelo trabalho o ambiente e tudo o que envolve o andamento de o comércio, as pessoas que passavam por ali, não tinha dúvidas, é isso o que eu quero. Entretanto, conheci o Paulo numa festa aqui mesmo em Morrinhos e a partir dai meus planos mudaram, namoramos por dois anos, casamos, esperei meu filho nascer e completar um ano de idade para voltar a estudar e trabalhar dei sorte, consegui esse contrato pela prefeitura por dois anos, se não continuar, vou procurar em outras escolas aqui perto (Laís, 21 anos, monitora escolar, Morrinhos, 2013).

O depoimento da Laís deixa claro que mesmo saindo os jovens não perdem os laços familiares, e no caso da Laís, embora no primeiro momento os seus projetos estivessem voltados para trabalhar e morar no meio urbano, o casamento e a vida em família teve maior peso na decisão que ela tomou demonstrando que os valores passados pelas famílias estão enraizados e direcionam essa tomada de decisão. Em um estudo sobre o comportamento das jovens rurais na região oeste do estado de Santa Catarina, Stropasolas (2004 p. 257), aborda "O valor (do) casamento na agricultura familiar". Para esse autor, o casamento é para as populações rurais a mais importante forma de conservação dos valores culturais.

O autor levanta questionamentos referentes aos direitos de igualdade que estariam imbricados numa quase imposição das famílias no que diz respeito ao casamento principalmente para as filhas, que por sua vez, expressam preocupações especialmente quanto a fidelidade dos seus maridos. Segundo esse autor, as pesquisas por ele efetuadas com as jovens do oeste Catarinense demonstram que essas jovens já não estão dispostas a aceitar dos seus maridos infidelidades, com isso demonstrando que as mulheres mesmo as do meio rural já estão deixando de serem submissas às ações masculinas no que diz respeito a vida matrimonial (STROPASOLAS, 2004. p. 258).

Face ao exposto pela Laís, percebe-se que há semelhanças entre os jovens estudado por Stropasolas (2004 p. 257), e os entrevistados por mim para este TCC: vemos que, ainda é através do casamento que as famílias rurais se perpetuam, conservam seus valores, se reproduzem e asseguram a continuidade do seu patrimônio.

Conforme exposto anteriormente, os laços de família e o valor que a população do meio rural atribui a esses costumes são responsáveis em grande parte pelo não total esvaziamento do campo. No depoimento a seguir, de Géssica, 20 anos, percebe-se que muitos projetos de vida dos moradores entrevistados não são um projeto individual, ao contrário os

projetos que envolvem a família, o patrimônio e a sucessão são construídas dentro do núcleo familiar.

Eu nem tinha pensado em fazer faculdade, terminei o ensino médio, estava com o meu casamento marcado e pretendia continuar ajudando o pai nos rodeios sou eu que faço toda a parte administrativa, sou responsável pelas contas, pagar e receber (Fernando Marrom, pai da Géssica promove rodeios gaúchos duas vezes ao ano, março e outubro), um dia descí do ônibus na frente da escola e a Diretora me convidou para trabalhar, estava começando a pré-escola, faltava monitora e a Secretaria de Educação pediu para a Diretora que procurasse alguém daqui. Dai eu fui na Secretaria de Educação e me disseram que para conseguir o contrato eu deveria estar cursando uma faculdade, então me matriculei no curso de Pedagogia a distância, minha aula é aos sábados em POA. Não pretendo sair, o Cleiton (marido) tem a vida dele organizada aqui e eu vou acompanhá-lo e continuar ajudando o pai nos rodeios, vou terminar o curso, mas, se o contrato não for renovado não vou sair para outro município ou para escola longe que tenha que me ausentar de casa (Géssica, 20 anos, Monitora escolar, Morrinhos, 2013).



Figura 8 - Entrevista com Cleiton, Géssica e Laís, realizada na E. M. E. F. Eva Alves Pereira.
Fonte: Fotografia da pesquisadora.

Deste modo, constata-se que as pessoas, ao menos as que foram entrevistadas, estão no rural, mas, buscam novas oportunidades de trabalho e de melhor qualidade de vida. Castro, (2009, p. 152) cita as diferentes formas de construir a categoria jovem de um grupo em estudo a partir da análise dos registros das suas expressões. A autora argumenta que "o sair e o ficar" precisa ser compreendido com base nas relações internas com a família. É por isso que Valéria afirma sua posição:

Não pretendo continuar aqui, quero arrumar trabalho na cidade, estou aqui agora porque estou desempregada, acho que o rural é para quem gosta de plantar [...]. Vou fazer um curso superior, Administração de Empresas, para isso tenho que trabalhar o pai não conseguiria me manter (Valéria, 19 anos, Morrinhos, 2013).

A observação de Castro (2009, p. 152), pode ser relacionada ao que pensa Valéria que vê no meio urbano a possibilidade de concretizar o seu projeto de vida. Carneiro (2007, p. 26), em sua pesquisa com os jovens rurais de três municípios do estado de Pernambuco afirma que a esmagadora maioria dos seus entrevistados não acredita na realização de seus projetos de vida no seu local de origem. Este fenômeno relatado pela autora se reflete na fala da Valéria, cuja determinação em deixar o rural está relacionada em não acreditar na sua realização profissional e pessoal no meio rural. Dos oito participantes desta pesquisa, sete jovens, os quatro homens e três mulheres têm como meta de vida continuar no campo e construir as suas vidas a partir das oportunidades que o meio rural oferecer, seja exercendo atividades agrícolas ou não agrícolas. Isto me referindo ao Paulo e o Cleiton, em se tratando do David, ele pretende seguir com a profissão de comerciante, já o Maicon tem intenções de continuar com as atividades agrícolas, mas, também exercer a profissão de professor após a conclusão do seu curso de Licenciatura em Matemática. Com referência às entrevistadas, seus projetos futuros estão direcionados a exercer a profissão de professora, a Vanessa continuar, pois já atua como professora, a Géssica e a Laís que exercem atualmente a função de monitoria escolar pelo fato de ainda serem estudantes de graduação em Pedagogia, tem como meta a formação e a atuação na educação dos anos iniciais. A Valéria como o explicitado acima tem seu projeto de vida voltado para o meio urbano.

Para melhor compreensão das falas dos entrevistados e dos motivos apontadas por eles como determinantes para a permanecerem ou não no meio rural, ilustrei um quadro demonstrativo.

Quadro 2 - Motivos para a permanência ou não dos entrevistados no meio rural

Nomes	Motivos apontados pelos jovens entrevistados para a permanência no meio rural	Motivos apontados pelos jovens entrevistados para a não permanência no meio rural
Vanessa Maicon Paulo Cleiton David	Trabalhar no que gosta Trabalhar no que é seu ou da família Desenvolvimento local Alimentos mais saudáveis, ar mais puro Liberdade e autonomia Afetividade e identificação com o rural	Aprovação em concurso público Viajar, conhecer outros lugares
Géssica Laís	Vida em família e casamento Oportunidade de trabalho na escola local Tranquilidade e segurança	Não apontaram motivos que as leve a deixar o meio rural.
Valéria	Não estar trabalhando Não ter como se manter no meio urbano	Voltar a estudar Não gostar da agricultura Falta de oportunidade de trabalho não agrícola no meio rural Não ter como estudar morando no campo Não acreditar no desenvolvimento rural Melhorar as condições de vida.

Elaborado por Elida Coelho, 2013.

Deste modo, a partir do que pude entender pela fala dos entrevistados a maior parte deles pretende continuar no meio rural com suas ocupações atuais e possuem projetos futuros.

O quadro três ilustra as atuais ocupações dos entrevistados e as suas perspectivas de ocupações futuras.

Quadro 3 - Ocupações atuais e perspectivas de ocupações futuras dos entrevistados

Nome	Ocupações atuais	Perspectivas de ocupações futuras
Vanessa	Professora de Matemática na E. M. E. F. Eva Alves Pereira, no Distrito de Morrinhos	Promover o desenvolvimento local, através da criação de uma cooperativa.
Maicon	Atividades agrícolas e estudante de Licenciatura em Matemática	Concluir o curso de Licenciatura em Matemática, ingressar no Mestrado na área da matemática, exercer a profissão de professor e continuar com as atividades agrícolas
Paulo	Atividades agropecuárias	Expandir as atividades atuais
Cleiton	Atividades agrícolas e motorista do transporte escolar	Adquirir terras e criar gado de corte
David	Comerciante	Realizar cursos de fotografia, divulgar o Distrito de Morrinhos
Géssica	Monitora escolar	Concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia e exercer a profissão de professora
Laís	Monitora escolar	Concluir a graduação em Pedagogia e trabalhar na área da educação especial
Valéria	Não está trabalhando	Voltar a estudar, trabalhar e se fixar no meio urbano.

Elaborado por Elida Coelho, 2013.

As reflexões suscitadas ao longo desta pesquisa vão ao encontro do diz Spanevello (2003), em sua pesquisa com jovens de Nova Palma. A autora salienta que estudar é

importante tanto para os que ficam no meio rural quanto para os que saem e migram para o meio urbano. Essa percepção da autora pode ser encontrada em cinco dos oito jovens estudado por mim. Como vimos, um dos jovens e todas as jovens entrevistadas consideram importante estudar. Embora que duas delas a Géssica e a Laís tenham colocado a família e o casamento como o fator determinante para a permanência no meio rural, o estudo e a graduação aparecem como etapa necessária para estas jovens se realizarem profissionalmente. Este fato observado mostra como a educação assumiu um papel de destaque na vida dos jovens e exerce uma função valiosa na valorização do homem do campo e no rompimento com a dicotomia rural/urbano. Pois, na fala da Vanessa fica clara a preocupação com a conscientização da população rural acerca das possibilidades de desenvolvimento local e isso segundo ela pode e deve partir da escola do professor em sala de aula. Outro ponto que mostra a contribuição da educação para o desenvolvimento rural pode ser visto no depoimento da mesma entrevistada quando cita o desejo da criação de um projeto alternativo de construção de uma cooperativa que beneficie a colocação e venda no mercado consumidor dos produtos caseiros já confeccionados no interior das UPs produtivas locais. Assim, para finalizar este trabalho discorro nas considerações finais uma análise do problema de pesquisa e, da mesma forma dos resultados obtidos com a referida pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta investigação busquei compreender os motivos que levam os jovens rurais do Distrito de Morrinhos a permanecer no meio rural. Para tanto, procurei tecer algumas considerações sobre as “juventudes” categoria que vem ganhando espaço nas produções acadêmicas nas últimas décadas e, especificamente a juventude rural. Para firmar o corpo teórico que sustentou a pesquisa empírica busquei apoio na literatura considerando a relevância da temática das "juventudes". Ao realizar as entrevistas constatei que os jovens participantes desta pesquisa se assemelham aos jovens de outras regiões do Brasil. Essa semelhança pode ser percebida a partir dos estudos de Spanevello (2003), Castro (2005) e Wanderley (2007) onde essas autoras enfatizam os motivos da permanência ou da saída do campo dos jovens rurais por elas estudados.

Dados desta pesquisa mostraram que os jovens entrevistados residentes no Distrito de Morrinhos estão determinados a permanecer no meio rural e ali realizarem os seus projetos de vida. Como vimos no decorrer deste trabalho os projetos dos entrevistados que pretendem permanecer no meio rural apresentam duas linhas distintas, há os jovens cujos projetos é prosseguir com as atividades agrícolas ensinadas pelas suas famílias e também há as entrevistadas que têm como meta seguir uma profissão não diretamente ligada a agricultura. Entretanto, isso não significa que pretendam deixar o meio rural, ao contrário seus projetos de vida são direcionados para serem realizados no campo. Neste sentido, pode se dizer que esta é uma nova dinâmica que vem ocorrendo no rural Brasileiro e que retrata uma nova concepção do rural, numa visão mais ampla de valorização do homem do campo, do seu modo de vida e dos espaços rurais. Essas novas abordagens aproximam o rural do urbano e principalmente sugerem novas possibilidades de desenvolvimento, pois na medida em que o jovem estuda e opta em permanecer no campo usa os conhecimentos adquiridos para promover mudanças que venham contribuir com o desenvolvimento rural.

Esse fato foi registrado nas colocações da Vanessa que ao afirmar possuir projetos de desenvolvimento para o local coloca-se na posição de mediadora, configurando as mudanças comportamentais da sociedade contemporânea. É preciso, no entanto, ressaltar que o incentivo das famílias para a continuidade dos jovens no campo é de suma importância uma vez que, tendo as suas iniciativas apoiadas os jovens rurais deixam de ter a imagem de jovens desinteressados e descrentes com o campo e a vida no meio rural. A pesquisa empírica

mostrou que os jovens entrevistados sentem-se parte integrante do meio onde vivem, possuem identificação e laços de afetividade com o lugar e com suas famílias, nutrem sonhos e, pensam no seu futuro como algo estável e seguro.

Na parte do capítulo um deste estudo dedicado a educação do campo, procurei mostrar parte da história política da educação do campo a partir da década de 1990, e das lutas dos movimentos sociais por uma educação que atendesse as necessidades das populações rurais valorizando-os enquanto sujeitos de direito. Todavia é importante salientar que embora os movimentos sociais "Por uma Educação do Campo" tenham alcançado avanços significativos ainda existem muitos passos a serem dados na direção de uma educação que atenda as populações do campo e que contribua para dar visibilidade aos jovens e as populações rurais.

Para concluir é preciso salientar que os jovens que abordei nesta investigação estão muito distantes dos estereótipos e imagens de os jovens despidos de valores do campo. Eles mantêm identidade com o local em que vivem e se constituem em uma categoria de jovens rurais estudantes que têm como meta o seu crescimento pessoal e profissional, além de propiciar o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: Unesco, 1998. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131546porb.pdf> Acesso em 16 de mar. de 2013.

_____. **O Futuro das Regiões Rurais** Editora UFRGS 1ª Ed. 2003.

_____. **Juventude rural: ampliando as oportunidades,** In: **Raízes da Terra:** parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, abril 2005, ano 1, n. 1. Disponível em: http://www.fea.usp.br/feaecon//media/fck/File/juventude_rural_ampliando_opportunidades.pdf Acesso em: 16 de mar. 2013.

ABRAMO, H. (1997). **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** In: *Juventude e Contemporaneidade.* (org.) FÁVERO, O.; SPOSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. C. R. Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

_____. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo.** In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005,

ARROYO, M. **A educação básica e o movimento social do campo.** In. *Por uma Educação Básica do Campo.* ARROYO, M. FERNANDES, B. M. 1999. BRASÍLIA, 1999.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** 1983. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata.** Centro de Documentação e Informação. 7ª ed. Câmara dos Deputados. Brasília 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf Acesso em 23 de mar. de 2013.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília. Diário Oficial da União. 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em 23 de mar. de 2013.

_____. **Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo.** Caderno de subsídios. GRUPO PERMANENTE DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. (orgs). Ministério da Educação, 2004. Brasília - DF. Fevereiro de 2004. Disponível em: <http://educampoparaense.org/site/media/biblioteca/pdf/referencias.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2013.

_____**Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.**
PRONERA. Manual de Operações. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Brasília, 2004. Disponível em:

http://www.incra.gov.br/images/phocadownload/reforma_agraria/projetos_e_programas/educacao_no_campo_pronera/programa_nac_educacao_reforma_agraria.pdf Acesso em: 12 de maio de 2013.

BRUMER, A. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade.** In: CARNEIRO, M. J. e CASTRO, E. G. (org). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 35-51, p.

_____*et al.* (2000). **Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar.** X Congresso da International Rural Sociology, Rio de Janeiro, 31 de julho a 5 de setembro.

CALDART, R. S. ARROYO, M. G. & MOLINA, M. C.(orgs.). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Texto para discussão n.621. Rio de Janeiro: IPEA, 1999, 28 p.

CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** (2006). Rio de Janeiro: IPEA.

CARNEIRO, M. J. **Juventude rural: projetos e valores.** In: ABRAMO, Helena W., BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, 243-263, p.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, E. G. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

_____**Juventude rural: "apenas uma palavra" ou "mais que uma palavra".** XXIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu/ MG, 2006.

_____**Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Vol. 7, Núm. 1, enero-junio, 2009, 183, p. Universidad de Manizales. Colômbia. Disponível em: http://www.scielo.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008&lng=pt&nrm=Acesso em: 28 de jan. de 2013.

GERHARDT, T. E. *et al.* **Estrutura do Projeto de Pesquisa.** In: Métodos de Pesquisa (org.). GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Derad 005. Curso PLAGEDER, material didático, módulo 04. ed. UFRGS 2009.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

KOLLING, E. J.; NÉRY, I.; MOLINA, M. C. **Por uma Educação Básica do Campo.** Vol. 1. Fundação Universidade de Brasília: Gráfica e Editora Peres Ltda. 1999.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999. Revisão técnica e adaptação da obra: Lana Mara Siman. Reimpressão. 2008.

LIMA, C. M. H. *et al.* (2006, P 98) **Jovens em movimento(s)** In. **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores.** Caldart R. S., Paludo C. e Doll J.(Org.) 2006.

LEITE, S. C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 2002.

MOCELIN, D. G. **Movimentos Sociais e Movimentos Sociais Rurais.** In. **Organização Social e Movimentos Rurais.** GEHLEN, I.; MOCELIN, D. G. (org). Derad 006. Curso PLAGEDER, material didático, módulo 04. ed. UFRGS 2009.

NOVAES, R. C. R. **Juventude e sociedade: jogos de espelhos Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas.** Sociologia Especial, Ciência & Vida, São Paulo, ano 01, n. 2, 2007, 07 -15, p. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a38-novaes.pdf> Acesso em 21 de mar. de 2013.

PACIFICO, D. A. **História da Modernização da Agricultura. Um Conto de Muitas Facetas.** In. Agricultura e Sustentabilidade. (org.) DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. R. Derad 008. Curso PLAGEDER, material didático, módulo 01. ed. UFRGS 2009.

RAUBER, C. C.; SÁ B. A. N.; DENARDIN, I T.; RAUBER, M. A. **O esvaziamento do pampa gaúcho: uma análise a partir do envelhecimento e da masculinização rural na APA do Ibirapuitã.** In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. 2009.

SERVO, M. L. S.; ARAÚJO, P. O. **Grupo Focal em Pesquisas Sociais.** Revista Espaço Acadêmico - nº 137 - outubro de 2012. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Grupo+Focal+em+Pesquisas+Sociais&oq=Grupo+Focal+em+Pesquisas+Sociais&aqs=chrome.0.57j6213.1793j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em 22 de maio de 2013.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica.** In: Métodos de Pesquisa (org.). GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Derad 005. Curso PLAGEDER, material didático, módulo 02. ed. UFRGS 2009.

SÃO JERÔNIMO. Secretaria Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente. Coordenadoria de Agricultura. Disponível em: http://www.saojeronimo.rs.gov.br/images/stories/File/2012/JULHO/Folder_Agricultura_PDF.pdf Acesso em: 25 de maio de 2013.

SPANEVELLO, R. M. **Jovens rurais do município de Nova Palma - RS: situação atual e perspectivas.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2003. (dissertação de mestrado em Extensão Rural - UFSM).

_____. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** Tese nº 07. Série PGDR. UFRGS - Porto Alegre - 2008.

_____; VELA, H.; LAGO, A. **Jovens rurais do município de Nova Palma - RS. Situação atual e perspectivas.** 2001. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/10P469.pdf> Acesso em: 10 de mar. de 2013.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. (2003) **Juventude e políticas públicas no Brasil.** In: Juventude e Contemporaneidade. (org.) FÁVERO, O.; SPOSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. C. R. Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284, p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

SPOSITO, M. P. **Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação.** In: Sposito (coord.). Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000. (Série Estado do Conhecimento n. 7), 7-34, p.

_____. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:** Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Volume 1 ARGUMENTVM. Belo Horizonte, 2009.

SCHNEIDER, S. **As novas formas sociais do trabalho no meio rural: a pluriatividade e as atividades rurais não- agrícolas.** Revista Redes. Santa Cruz do Sul - RS v. 9. n 3,75 - 108, p. 2005.

STROPASOLAS, V. L. **Juventude Rural: uma categoria social em construção.** SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia GT 22 : Sociologia da Infância e Juventude. 2002. Disponível em: <http://www.slideshare.net/BeneditoGomesRodrigues/juventude-rural-uma-categoria-social-em-construo> Acesso em: 19 de mar. 2013

_____. **O valor (do) casamento na agricultura familiar.** Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e Agricultura de Santa Catarina, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21701.pdf> Acesso em: 22 de mar. de 2013.

WANDERLEY, M. N. **A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural.** En publicación: Una nueva ruralidad en América Latina? Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4 Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf> Acesso em: 25 de jan. de 2013

_____. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** (2004). CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro.

_____. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** In. CARNEIRO, M. J. e CASTRO, E. G. (org). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, 21 – 33, p.

Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidade e perspectivas.** p. 21-56. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001.

WEDIG, J. C. **Reflexões Socioculturais acerca do Mundo Rural.** Textos para Discussão, Derad 008. Curso PLAGEDER, material didático, módulo 01. 2009. Disponível em: <https://moodleinstitucional.ufrgs.br/login/index.php> Acesso em 22 de jan. de 2013.

WEISHEIMER, N. **Os Jovens Agricultores e seus projetos profissionais: Um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz (RS).** Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4585/000502487.pdf?sequence=1> Acesso em: 19 de jan. de 2013.

Juventudes rurais: mapa de estudos recentes – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

A situação juvenil na agricultura familiar. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2009/42001013012P7/TES.PDF> Acesso em: 18 de jan. de 2013.

VENDRAMINI, C R. **Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo.** *Cadernos Cedes, Campinas*, v. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n72/a02v2772> Acesso em: 12 de maio de 2013.

Apêndice

Roteiro das entrevistas

- 1 - Quais as razões que o/a mobiliza a investir no estudo?
- 2 - Quais os motivos que levaram você a sair para estudar e voltar a morar no campo?
- 3 - Qual seu trabalho atual? Considera que o estudo contribui de alguma forma para exercer tal atividade?
- 4 - - Que planos você tem para a sua vida profissional?
- 5 - Deparou-se ou depara-se com algum obstáculo que possa frear seu o crescimento profissional?
- 6 - Qual o significado da família para você? Recebeu ou recebe ajuda de seus pais para custear os estudos?
- 7 - Como você vê o rural? E quais as vantagens de morar no campo?
- 8 - O que consideras desta sua experiência de ficar no campo? Você já pensos em ir embora para o meio urbano? Por que?
- 9 - Qual a sua opinião sobre os jovens que saem do campo para buscar emprego remunerado no meio urbano?
- 10 - Se você não tivesse estudado e não desempenhasse o seu trabalho atual, acredita que estaria tendo condições de desenvolver atividades agrícolas? Quais?